

Pacientes superaram a covid-19 e relatam momentos de medo

Número de pessoas curadas na Paraíba saltou de 601 para 2.003 em apenas dez dias, mas quem enfrentou a doença sofre ao lembrar e teme sequelas. [Página 5](#)

Foto: Arquivo Pessoal



Marcella Miranda foi diagnosticada quando já precisava de oxigênio para viver: "Tenho certeza que minha vida não será como antes"

Entrevista

"Já nos deparamos com o fantasma da fome"

Presidente da Famup, George Coelho fala das dificuldades dos municípios nesta pandemia. [Página 4](#)



Foto: Arquivo pessoal

Almanaque

Foto: Arquivo A União



Paulo Pontes levou a vida do brasileiro aos palcos

No ano em que o autor de 'Gota D'Água' faria 80 anos, especial relembra a carreira do dramaturgo paraibano que fez história no cenário nacional. [Página 17](#)

Pensar

Conhecimento que salva vidas e impulsiona a evolução das civilizações



Ciência Embora essencial em tempos de pandemia, pensamento científico continua sob ataque. [Páginas 21 a 24](#)

Paraíba



Foto: Teresa Duarte

Bananeiras Município localizado no Brejo paraibano encanta visitantes pela história, o clima frio e os ambientes aconchegantes. [Página 8](#)



Quando planos e sonhos ficam pelo caminho

Surpreendidos pela pandemia, paraibanos precisaram refazer rotas e engavetar as metas para o ano de 2020. [Página 7](#)



Foto: Arquivo pessoal

Cultura

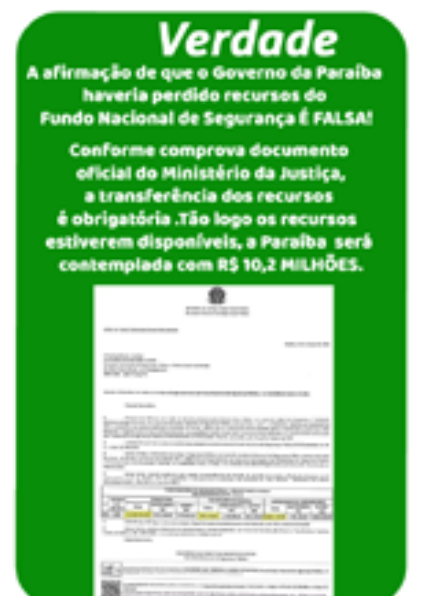
Em novo single, Lucy Alves embarca no "fórró das antigas"

Cantora regrava sucesso da banda Magníficos em "live sessions" na internet, projeto que movimenta sua carreira durante a pandemia. [Página 9](#)

Foto: Hugo Barbieri/Divulgação



Se é fake, É fraude



Editorial

Manter a chama

O Brasil não era o melhor país para se viver, no início da década de 1970, quando John Lennon atirou sementes de esperança nos corações e mentes de milhões de pessoas, em todo o mundo, na forma dos versos da canção "Imagine", que se transformaria em hino à paz. Para muitos brasileiros, naquela época, o futuro fora corroído pelo agressivo vírus da repressão.

Depende de cada um e de todos sepultar o sonho de um mundo melhor - que muitos teimam em dizer que morreu, embora ninguém tenha visto o corpo, o caixão, o velório, a cripta -, ou lutar contra tudo e todos que se contrapõem à ressurreição da utopia. O tempo presente não é fácil, mas a memória dos que resistiram e acreditaram no projeto humano não deve ser traída.

Em situações de crise - e o mundo viveu muitas, antes da pandemia do novo coronavírus -, sempre aparecem pessoas apregoando que "o mundo vai se acabar!". São os eternos arautos do apocalipse; da segunda destruição do mundo pelo fogo, mesmo que as enormes labaredas sejam invisíveis a olho nu e se reproduzam numa velocidade de fazer inveja aos coelhos.

Certamente, o mundo não vai se acabar. Apostaram na hecatombe global quando viram os poderosos impérios e as grandes civilizações ruírem ou souberam dos imensos cogumelos luminosos plantados no Japão, em meados do século passado, mas perderam as fichas. A aposta repetiu-se em relação à Aids, por puro preconceito, mas também não lograram êxito.

Tendo em vista o que andam fazendo com a natureza, é possível que a espécie humana desapareça e, com ela, o pensamento sobre o planeta provavelmente também terá um fim. Há teses para todos os gostos, à esquerda e à direita, e há quem brigue ou brinque com elas dentro e fora dos campos do senhor, para lembrar o filme do argentino, naturalizado brasileiro, Hector Babenco.

Enquanto estrelas coruscantes não caem do céu e ondas gigantes, bem maiores que os tsunamis, não varrem os continentes, vale a pena lembrar dos versos de Yoko Ono e fazer da mente e do coração um jardim, para que as nuvens da confiança neles gotejem, germinando as flores da solidariedade universal, que serão repartidas, entre todos, na forma de abraços e apertos de mãos.

Crônica

Martinho Moreira Franco
martinhomoreirafranco46@gmail.com

Golpe mortal

A cobrança não é de hoje nem apenas minha. Circula há algumas semanas nas redes sociais. Por que não se informam os números de casos descartados e de pacientes curados da covid-19 ao longo da pandemia? Ao menos com a mesma frequência e igual intensidade com que os novos casos e as novas mortes decorrentes da doença são mostrados, positivamente, não. Seja aqui no Brasil, seja no exterior. E são números bem expressivos, embora relativamente distantes daqueles outros, pelo que percebo em raras divulgações. Claro que gráficos e quadros da expansão do mal devem ser apresentados. A realidade é para ser exposta, isso não se discute. Mas, se a moeda possui duas faces, por que apontar só uma? Custa caro dar a informação completa, especialmente na TV?

Bem, desculpem a impertinência, mas não era propriamente este o assunto que havia programado para hoje. Era, sim, contar uma historinha sobre a experiência que tive como jornalista durante epidemia de meningite ocorrida no país nos anos 1970. Evidentemente, o surto que se prolongou na época nem poderia ser comparado com o atual, apesar de muito grave. Além do mais, existia vacina contra a doença, o que já servia para conter a sua propagação. O detalhe é que estávamos em plena ditadura militar, e no governo Médici. Ou seja, regime fechado, notadamente no tocante à divulgação de "notícia ruim". Era proibido falar em epidemia de meningite, acreditem. A situação só melhorou quando o general Ernesto Geisel assumiu o governo com seu projeto de "abertura, lenta, segura e gradual". A começar pela abolição da censura prévia aos meios de comunicação.

Pois bom, eu era repórter da Secretaria de Comunicação Social, no governo Burity I, designado para cobrir atividades da Secretaria de Saúde. Secretário: Clóvis Bezerra, médico com experiência em sanitário, posto que, nascido e criado em Bananeiras, participara de luta contra endemias rurais no Brejo, quando recém-formado. Também político militante, o homem era um dínamo. E foi para a linha de frente comandar a vacinação contra a meningite na Paraíba. Percorreu o Estado de ponta a ponta, pistola com vacina na mão, aplicando pessoalmente doses. Isso despertou uma certa ciúmeira entre seus adversários. A bancada da oposição não parecia se conformar com tal performance, até porque a divulgação sobre campanha de imunização adquiriu tom agressivo (por inspiração do repórter então metido a publicitário). Apelo em letras garrafais nos cartazes e demais impressos: "Meningite mata!" Foi um deus nos acuda.

Convocado pela Assembleia Legislativa para debater sobre a campanha, doutor Clóvis hesitou um pouco quando um seu adversário histórico, empunhando exemplar de jornal local com anúncio do grito de alerta em página inteira, questionou a agressividade da frase ("Isso é terrorismo!", declarou). Acontece que, já prevendo esse tipo de postura, acenei para Petrônio Souto, então servidor da Assembleia e muito ligado ao secretário. Mais ligeiro que rapidamente, entreguei-lhe um exemplar do "Diário de Pernambuco" e pedi que repassasse a doutor Clóvis para ele exibir ao plenário o anúncio do governo do Estado vizinho. Sabem o apelo de lá? "Vacine-se ou morra!". A sessão foi encerrada pouco depois.

/// A divulgação sobre campanha de imunização adquiriu tom agressivo ///

Crônica

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A cura de tudo

E não sabia que o presidente era raizeiro. Sempre admirei essa nação, que tem sempre uma palavra ou um ramo de erva para curar ou aplacar uma dor. Como eles conhecem as árvores das matas, suas cascas e sementes! Têm parte com o Sacy, aquele negrinho pernetta que protege os bichos há muito tempo, bem antes do Ibama.

O Sacy conta com a ajuda dos Avozinhos, que policiam as caatingas nas suas veredas mais fechadas. Estive perto deles, sacys e avozinhos. Quando fui com o fotógrafo Antônio Augusto Fontes ao Raso da Catarina, no Semiárido da Bahia, mais precisamente na margem sul do Rio São Francisco. Guiava-nos Antônio Pankararé, o índio que conhece não só as cascas, mas o cerne, as raízes daquelas caatingas, as estrelas do seu céu e os poços secretos de seus areais.

Antônio é filho do pajé, o que lhe deu acesso ao conhecimento secreto dos sábios da mata. Junte-se a isso sua intimidade com as folhas de todas as estações, e a linguagem dos céus. Antônio conhece mesinhas mais poderosas que a cloroquina. Mas um dia desses foi batido por um rival que surgiu nas matas brasileiras, uma: variante da Ra-ré. Ela serve para quase todos os males, inclusive para o mal da China, que vem matando a todos indiscriminadamente.

A China, depois de Pan-ka-raré, é o novo polo receptor de turismo médico do mundo. Mesmo os casos mais graves são resolvidos clinicamente. E pan-ka já anuncia um novo lançamento: o rejuvenescedor capaz de ressuscitar cadáveres

/// A China, depois de Pan-ka-raré, é o novo pólo receptor de turismo médico do mundo ///

recentes, desde que tenham tido mortes não traumáticas.

Uma boa notícia para os povos dos desertos, regiões com o clima similar ao do raso, que é seco "ma non tropo." O pan-ka foi descoberto pelo velho Pan-Ka. Mas não pode de ser tomado sem assistência, pois tem acontecido casos de satirismo, resolvidos com um balde de gelo.

Foto: Ministério da Saúde



Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albige Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéia
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Trabalho em equipe é ponto chave na luta contra covid-19

Médicos, enfermeiros, pessoal de apoio e de limpeza são essenciais para garantir o melhor atendimento ao paciente

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Qual tem sido a estratégia dos profissionais de saúde para combater a covid-19? O trabalho em equipe está sendo o maior aliado de médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais, que precisam também do porteiro, recepcionista, motorista de ambulância, maqueiros e do importante papel que o profissional de limpeza tem em combater um vírus tão infeccioso. Em conjunto, eles estão na linha de frente desta luta, que tem heróis visíveis e também alguns invisíveis.

O coordenador do Núcleo Estratégico de Enfrentamento à Covid-19 da Unimed-JP, Petrúcio Abrantes Sarmiento, explicou sobre o passo a passo, desde quando o paciente chega ao hospital com os sintomas do novo coronavírus, aos que conseguem se recuperar e precisam de cuidados para voltar a rotina normal. "É um atendimento multidisciplinar. Fica difícil separar papéis porque se eu não tiver um time trabalhando de forma sincronizada eu não consigo oferecer o melhor para esse paciente", comentou.

O primeiro contato é realizado pelo médico, que faz o atendimento, seja no pronto socorro ou laboratório. Ele, juntamente com técnicos de enfermagem e enfermeiros, vai realizar o exame no paciente. Caso a hipótese seja identificada, será determinado se o paciente terá um tratamento em casa ou no hospital.

Em casos mais leves da doença, o paciente fica em casa, sendo acompanhado pela telemedicina e deve voltar em caso de piora. Os que precisam de cuidados mais intensivos são observados em uma enfermaria isolada. Já os mais graves, precisam ir para uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), nesses dois últimos casos a equipe de profissionais que acompa-

nha os pacientes é extensa.

O médico explicou que nos dois casos o paciente fica em ambiente isolado até receber a confirmação da doença. "Dentro do tratamento hospitalar ele pode seguir dois fluxos. Se for para permanecer dentro do hospital no isolamento, ele tem acompanhamento diário de três profissionais, técnico de enfermagem enfermeiro e médico, que pode ser infectologista ou clínico geral, que vai dar o suporte clínico para esse paciente. Se ele for para a UTI, o leque de profissionais é imenso", disse.

Além do médico infectologista, os clínicos, neurocirurgiões e os pneumologistas têm um papel fundamental principalmente com pacientes que têm comorbidades, ou seja, outras doenças além da covid-19, podendo agravar o quadro. "Quando os

pacientes vão se tornando crônicos com outras doenças respiratórias associadas não só a covid, nesse momento o pneumologista passa a ser fundamental. Além disso, aqueles pacientes que tem outras comorbidades, é necessária as especialidades médicas que dão suporte à UTI, como cirurgiões, neurocirurgiões, vasculares".

O coordenador da equipe de enfrentamento da covid-19 na Unimed enfatizou que todos os profissionais têm um papel fundamental. "Numa hora dessas ou eu tenho do porteiro de hospital, motorista de ambulância ao médico mais conceituado trabalhando em conjunto e equipe ou nós não vamos obter sucesso. Vencer a covid implica em ter um time em que todas as posições estão fazendo o seu melhor possível".



Foto: Fotos Públicas

Equipes de saúde que atendem pacientes com doenças como a covid-19 precisam estar entrosadas e capacitadas

Outros profissionais na luta pela vida

Fisioterapeuta

Os fisioterapeutas são essenciais quando os pacientes mais graves precisam ser internados na UTI e necessitam receber a ventilação mecânica. Os fisioterapeutas precisam conferir os parâmetros dos ventiladores, hora a hora e, às vezes, minuto a minuto. Os aparelhos são modificados pelo time de fisioterapia que vai encontrar da melhor maneira possível fazer com que o oxigênio chegue até os pulmões do paciente.

Assistente social

Esses profissionais são responsáveis pela interação médico paciente e familiar. O coordenador do núcleo de enfrentamento à covid-19 explicou

que são as assistentes sociais que dão as informações sobre os pacientes isolados aos seus familiares. Na pior das hipóteses, os assistentes sociais também são os responsáveis por informar e ajudar a família do paciente no processo burocrático quando se tem um óbito.

Psicólogos

No processo de enfrentamento contra a pandemia os psicólogos estão tendo um papel fundamental. Não só no apoio aos pacientes isolados e seus familiares, mas principalmente ajudando os profissionais de saúde. Muitos precisam ficar longe de seus familiares além de estarem inseridos em um clima estressante.

Fonoaudiólogos e nutricionistas:

Após a esperada alta, os pacientes precisam de uma recuperação assistida para voltar a suas atividades normais. O fonoaudiólogo tem um papel principal com aqueles que foram intubados. Já a nutrição, precisam ajudar os pacientes a recuperarem massa muscular, principalmente a musculatura respiratória.

Equipe de limpeza:

Essa é uma das principais categorias no combate a covid-19. Se todos os ambientes não estiverem desinfetados várias vezes por dia, principalmente os aparelhos de diagnóstico por imagem, com assepsia perfeita, esses ambientes vão funcionar como contaminantes. Os profissionais de limpeza são fundamentais para um ambiente mais seguro possível para equipe e pacientes.



Ilustração: Freepik

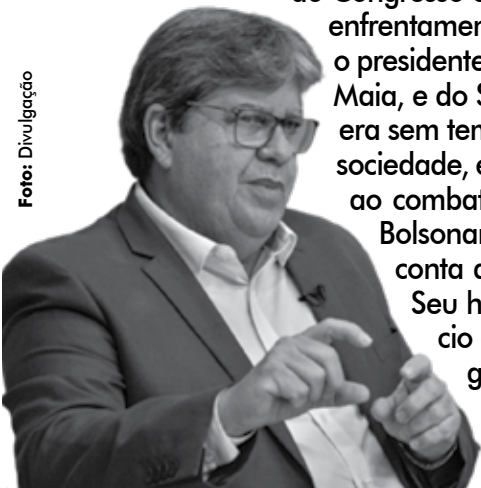
UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

REUNIÃO ENTRE GOVERNADORES, PRESIDENTE E LÍDERES: ENFIM, UMA IDEIA DE ARMISTÍCIO

Pela primeira vez, desde que se se iniciaram as ações de combate à covid-19, vemos um esforço do Congresso e de governadores para, junto ao Governo Federal, construir uma pauta única de enfrentamento da crise sanitária do país. A reunião remota, de dias atrás, entre governadores, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e os presidentes da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, e do Senado, Davi Alcolumbre, ambos do Democratas apontam nessa direção. Já não era sem tempo que o Governo Federal tomasse a iniciativa – por pressão do Congresso e da sociedade, é bem verdade – de dialogar com os gestores estaduais sobre medidas em relação ao combate ao inimigo comum. A reunião foi um avanço, embora não pareça crível que Bolsonaro irá evitar, daqui em diante, declarações agressivas contra governadores, por conta da divergência de opinião dele no que tange às medidas adotadas nos estados. Seu histórico mostra isso. Mas, como disse, houve um avanço. Acordou-se um armistício de modo a anular a politização desse processo. Aliás, foi esse o entendimento do governador João Azevêdo (foto), pós-reunião: "Foi propositiva, respeitosa", disse, afirmando que foi criada "uma relação para enfrentar a pandemia, independentemente de ideologias", com o intuito "de salvar vidas".

Foto: Divulgação



UMA BANDEIRA BRANCA

A fala do presidente do Senado, Davi Alcolumbre, foi pontual quanto ao cessar-fogo por uma unidade, nesse momento de crise: "Chegou a hora de todos nós darmos as mãos, de levantarmos uma bandeira branca. Os governadores estão deixando as ideologias de lado, os partidos políticos de lado, e dando as mãos para a gente enfrentar a crise juntos".

EM BANCOS E LOTÉRICAS

Tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 2766/20, de Wilson Santiago (PTB), que define regras para o acesso de pessoas a agências bancárias e a casas lotéricas, durante a calamidade pública. A proposta determina a permanência de, no máximo, 10 pessoas por vez no interior dos estabelecimentos e exige o uso de máscaras.

MULTA DE R\$ 2 MIL

Ainda de acordo com o projeto de Wilson Santiago, clientes terão de ficar a 1,5 metro de distância uns dos outros. O descumprimento das medidas acarretará multa no valor de R\$ 2 mil. "O pagamento do auxílio emergencial gerou caos para a política de isolamento, principalmente porque colocou milhares de brasileiros em extensas filas e aglomerações", justificou.

DATA DA SESSÃO ESPECIAL

Nesta próxima semana, deverá ser definida a data em que ocorrerá a sessão especial da ALPB, de modo remoto, com a participação do ex-ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, filiado ao Democratas. Quem está agendando a participação é o líder do partido na Câmara Federal, deputado Efraim Filho. A sessão foi proposta por Ricardo Barbosa (PSB).

CAMPANHA DE DOAÇÃO

Alunos de Administração do Uniesp estão arrecadando doações para duas casas de acolhimento de idosos: a Aspan e o Lar do Idoso. Além da contribuição em dinheiro, o interessado pode doar cestas básicas, material de higiene pessoal e limpeza, informa a reitora Erika Marques. Contatos: instagram.com/todospelaaspan e instagram.com/sos.amem.

PROJETO PREVÊ AÇÃO EMERGENCIAL PARA TRABALHADORES DA CULTURA

A partir de terça-feira, deverá entrar em votação na Câmara dos Deputados um projeto assinado por 27 parlamentares, entre os quais Frei Anastácio (PT), que trata de ações emergenciais para o setor cultural durante a pandemia. Capiteado por Benedita Silva (PT), prevê a complementação mensal da renda para trabalhadores informais do setor cultural.

George Coelho
Presidente da Famup

“Reerguer os municípios será um grande desafio”

Dirigente fala ao Jornal A União sobre queda na arrecadação e resistência da população em aderir ao isolamento

Foto: Divulgação

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Se nas grandes cidades mundo afora o combate à pandemia causada pelo novo coronavírus tem gerado retração econômica, com todas as suas consequências, para os pequenos municípios essa batalha tem custado ainda mais caro. Na maioria das vezes o embate é desleal já que muitas cidades sequer disponibilizam de recursos. Na Paraíba, nono Estado mais pobre do país segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017, os municípios têm enfrentado uma série de problemas que vão de pouca adesão ao isolamento social ao abandono por parte do Governo Federal. Enquanto a doença se alastra, gestores correm contra o tempo em busca de ajuda, temendo que a situação piore. A reportagem de A União conversou com o presidente da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho, que falou sobre as dificuldades enfrentadas em tempos de pandemia.

A entrevista

A covid-19 começou a se alastrar a partir do Litoral e já há registros de casos em mais de 140 municípios paraibanos em todas as regiões. Quais as ações da Famup no sentido de retrain esse avanço?

Nós da Famup estamos acompanhando de perto os efeitos dessa pandemia e divulgamos notas técnicas com orientações sobre as medidas que devem ser adotadas para diminuir a curva de contágio. Orientamos sobre isolamento social, uso de máscaras, disciplinamento do comércio, ações sociais, aulas, entre outros temas.

Defendemos o isolamento social como forma de salvar vidas, pois nosso sistema de saúde não tem estrutura para receber tantas pessoas doentes de uma só vez, principalmente nas menores cidades, onde os recursos são escassos.

Também dialogamos com o Governo Federal e Estadual e lutamos por mais recursos e estrutura para que os prefeitos consigam atender as demandas dentro dos municípios. Nós estamos na ponta e é no município que nos deparamos com os principais problemas, temos esse contato direto com a população.

Existe um diálogo unificado entre os prefeitos em relação ao combate à pandemia e a necessidade do isolamento social. Como a Famup tem administrado as divergências em relação às diferentes orientações por parte dos gestores?

Nosso diálogo com os prefeitos é permanente e sempre conversamos sobre as medidas que deverão ser adotadas. Maior parte dos gestores municipais é a favor do isolamento social, como meio de salvar vidas e evitar o colapso do sistema de saúde que já se aproxima, mas é claro que todos tem a autonomia de observar a realidade do seu município.

Como os municípios têm se comportado nesse período. As pessoas têm consciência da gravidade da pandemia? Fale sobre a campanha em conjunto com os Ministérios Públicos Federal e Estadual.

Percebemos que muitas pessoas ainda não têm dimensão do quão grave é essa doença, mas nós estamos atuando e tentando levar informações. Como forma de unificar e fortalecer as

ações, unimos forças aos Ministérios Públicos Federal e Estadual para realizar ações educativas e mostrar que não são apenas números, que pessoas estão morrendo em decorrência do coronavírus e que esse problema pode se agravar. É importante que as pessoas observem as estruturas de saúde que dispomos. São poucas e não comportam um atendimento volumoso caso muitos adoecem de uma só vez.

Como está hoje a situação econômica dos municípios dois meses depois do início do isolamento social, orientado pelas autoridades em saúde e decretado pelo Governo do Estado?

Os municípios enfrentam graves problemas financeiros, até para manter serviços básicos, pagar o funcionalismo. Tivemos queda de arrecadação, redução de repasses e pouca ajuda até agora. Muito se divulga que as prefeituras estão recebendo muito dinheiro por parte do Governo Federal, mas tem muita publicidade nisso. A realidade na ponta, nas cidades é outra completamente diferente. Os prefeitos estão tendo um trabalho árduo para manter os municípios funcionando e cuidar da população. Além do problema de saúde pública, essa pandemia afeta a nossa economia e já nos deparamos com a volta do fantasma da fome. Então, também temos que matar a fome da população, cuidar da segurança alimentar.

A Famup tem dados sobre demissões em indústrias e comércio de alguns municípios paraibanos. Quais estão em situação mais crítica?

Temos dados nacionais e estaduais, que refletem a situação dos municípios também. A pandemia provocada pelo novo coronavírus fará a economia brasileira encolher 5,2% neste ano, conforme prevê a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal).

Entidades de empresários estimam que até 3 milhões de vagas podem ser fechadas até o fim de maio. Segundo dado público mais recente,

“Muito se divulga que as prefeituras estão recebendo muito dinheiro por parte do Governo Federal, mas tem muita publicidade nisso. A realidade na ponta, nas cidades, é outra completamente diferente.”



George Coelho ressalta que os municípios precisam com urgência da liberação de recursos pelo Governo Federal para manterem serviços básicos

o desemprego atingia 12,3 milhões de brasileiros no trimestre encerrado em fevereiro, de acordo com o IBGE.

Pelo menos 600 mil pequenas empresas fecharam as portas no Brasil em razão dos efeitos econômicos da pandemia do novo coronavírus, estima levantamento do Sebrae divulgado pela CNN.

Pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) revela que 92% das indústrias consultadas estão tendo impactos negativos.

Nos municípios, o comércio está parcialmente fechado e as feiras livres funcionando com restrições ou sem funcionar. O dinheiro não circula.

“Defendemos a informação e a conscientização para manter a população dentro de casa”

O isolamento social tem sido decisivo no combate à doença, mas grande parte dos municípios não tem atingido os 70% necessários. O que é possível e deve ser feito nesses casos?

Nós defendemos o isolamento social, mas vejo que algumas pessoas não podem ficar em casa, pois precisam conseguir o sustento da família. Mas também temos o caso de pessoas que acham que a situação não é tão grave. Defendemos a informação e a conscientização como forma de manter a população dentro de casa.

Sobre a recomposição das

perdas dos ICMS e ISS e sobre a MP 909/2019, tão essenciais para a sobrevivência dos municípios nesse momento. Como andam as negociações com o Governo Federal? Há previsão de liberação desses valores? Quanto e como será feita a partilha desses recursos entre os municípios do Estado?

Estamos discutindo junto com a Confederação Nacional dos Municípios (CNM) como podemos agir em torno do Projeto de Lei Complementar (PLP) 39/2020 que garante uma recomposição de perdas de recursos e também sobre a Medida Provisória 909/2019, que divide R\$ 8,6 bilhões entre os estados, municípios e o Distrito Federal. De acordo com as regras aprovadas no Congresso, 50% dos recursos da Medida Provisória 909/2019 ficarão com os municípios e a outra metade será distribuída entre os estados e o Distrito Federal. Caberá ao Governo Federal definir os critérios de distribuição. Nós saímos prejudicados nessa divisão, que não é recurso extra, mas uma forma de fazer recomposição de parte do que os municípios perderam. Nosso apelo, apesar de entender que a divisão não foi a mais correta, é que os recursos sejam liberados o mais rápido possível.

O Governo Federal já fez um repasse para os municípios investirem no combate à pandemia. Em Várzea e Sobrado, por exemplo, o valor não chegou a R\$ 100. As cidades paraibanas têm recursos próprios para combater a covid-19?

Os 223 municípios paraibanos receberam do Governo Federal valores bem abaixo do esperado para enfren-

tar a pandemia causada pelo coronavírus. No Estado, 45 municípios tiveram disponíveis nas suas contas valores abaixo de R\$ 1 mil, impossibilitando até mesmo a compra de material básico para proteção dos profissionais de saúde que estão trabalhando diariamente. O município de Várzea, por exemplo, recebeu R\$ 28,04. Os repasses inviabilizam as ações que poderiam ser adotadas pelos gestores para evitar a proliferação da doença. Não temos recursos próprios para desenvolver ações, montar estruturas de saúde e estamos nos virando, sempre fazendo o apelo para que as pessoas fiquem em casa, pois caso precisem de leitos, certamente não terão atendimento.

Como têm sido o suporte do Governo do Estado em relação aos municípios, nesse momento de pandemia?

O diálogo com o Governo do Estado vem sendo muito bom. Eles estão abertos a nos ouvir, mas entendemos que ele também enfrenta limitações financeiras.

Quais são os planos pós-pandemia? Como os municípios, com o apoio da Famup, pretendem agir para se reerguer quando tudo isso passar?

Reerguer os municípios será um grande desafio, pois a economia estará destruída e os repasses como Fundo de Participação dos Municípios (FPM) não terão previsão de melhoria. Além disso, não devemos nem tão cedo voltar a arrecadar como antes da crise. Precisaremos unir forças e nos portar realmente como uma federação, para que todos os entes consigam se reerguer.



Foto: Teresa Duarte

Covid-19: o recomeço para as pessoas que estão curadas

Além das estatísticas, sair de uma guerra vitoriosa contra o coronavírus pode deixar sequelas físicas e emocionais

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Recomeçar depois de conviver com o desconhecido tem sido a realidade de pessoas que contraíram a covid-19 e já se recuperaram na Paraíba. Entre tantos dados negativos relacionados à pandemia do novo coronavírus, o número de pacientes curados cresce consideravelmente. Em dez dias, a Paraíba saiu de 601 para 2.003 recuperações. Mas por trás de números e estatísticas, estão histórias de vidas de pessoas que ainda lidam com sequelas, sejam elas físicas ou psicológicas.

O retorno à vida normal após a vitória contra o vírus tem sido difícil para João Emiliano de 106 anos. Ele é o paciente mais idoso a ter alta na Paraíba. Emiliano deixou o hospital no dia 4 de maio após três internações por complicações decorrentes da doença. Em casa, o idoso apresenta sequelas que a família ainda não sabe se o acompanharão para o resto da vida.

“Ele ainda não voltou a se alimentar direito, falar direito e nem andar. Até agora nós estamos aguardando um panorama da médica do posto de saúde para saber como meu avô ficará. Mas ele vem sendo um guerreiro desde o primeiro dia, desde os primeiros sintomas porque enfrentar o coronavírus e vencer é coisa de guerreiro mesmo”, falou Carolinny Lima, neta do paciente que o acompanhou desde os primeiros sintomas.

João Emiliano começou o tratamento no dia 21 de abril, no Hospital Clementino Fraga, onde testou positivo para doença. Na ocasião, segundo Carolinny, o idoso foi liberado, mas, no mesmo dia, precisou retornar ao hospital por conta de complicações. Após seis dias internado, ele recebeu alta novamente e, por ter fragilidade devido à idade, retornou ao hospital poucas horas depois quando apresentou piora do quadro clínico. “A gente teve medo de perder ele, foi um processo cansativo para ele e para a gente, da família, mas meu avô é forte e venceu a doença. Além de tudo isso ele ainda precisou passar por uma cirurgia para desobstruir o canal da uretra porque ele já usava sonda antes do diagnóstico da doença. Depois disso que ele está acamado”, informou Carolinny.

Começar de novo

Marcella Gonzaga Miranda, de 37 anos, recebeu alta do Hospital Metropolitano, em Santa Rita, na última segunda-feira. Com falta de ar, tosse e febre alta, a paciente buscou atendimento médico no dia 11 de maio e precisou ficar internada. Sob os cuidados médicos, Marcella chegou ao diagnóstico confirmado para covid-19



Fotos: Arquivo Pessoal



Com 106 anos, João Emiliano deixou o hospital no dia 4 de maio e ainda não consegue falar direito; já Marcella Gonzaga conta como foi difícil estar perto da morte e conseguir sair viva

quando já estava precisando de auxílio do oxigênio para manter a vida.

“Eu não cumpria o isolamento como é indicado. Apesar de não acreditar muito, eu usava álcool em gel e máscara quando saía de casa para visitar a minha mãe que mora aqui por perto. Mas isso

não foi o suficiente e peguei a doença. As pessoas falam que não existe... e é um absurdo porque só quem viveu na pele sabe o que é. Do medo de morrer... Eu sei o que vi dentro daquele hospital. Cada dia que passei lá dentro, chegava cada vez mais gente e mais doente, precisando de ajuda

para respirar. Essa doença não é de mentira. Agora estou tentando voltar para a vida normal ainda com sintomas e sei que não vai ser a mesma coisa. É, como posso dizer, muito bom saber que a gente tem a oportunidade de voltar a viver, mas é bem difícil. Tenho certeza que minha

vida não será como antes”, afirmou a mulher.

Com tratamento adequado, a paciente teve alta, mas ainda não está totalmente curada. Agora precisará cumprir o período de isolamento social. Neste tempo, longe da família e sozinha, Marcella recebe acompanhamento on-line da Vigi-

lância de Saúde de João Pessoa, cidade onde reside.

“Repito, só quem passou por ela sabe. Mesmo sem sequelas, a gente nunca mais vai voltar a ser o mesmo porque, praticamente, encaramos a morte. E nem a sociedade. Recomeçar vai ser difícil”, declarou a paciente.



Foto: Arquivo Pessoal



O médico da Família, João Rodolfo: muitos cuidados

Pacientes precisam de acompanhamento

A vitória, no entanto, não é tudo. De acordo com pesquisas realizadas na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), nem todos os pacientes deixaram os sintomas no passado. Alguns, como João Emiliano e Marcella Gonzaga, precisaram de acompanhamento profissional por alguns dias. A pesquisa mostra que pacientes com quadro moderado, em que houve a internação sem a necessidade de leitos de UTI, apresentam sintomas de fadiga e cansaço, permanência de febre e, em casos mais graves, que chegam a precisar de respiradores e UTI, apresentam dificuldades para se alimentar, falar e andar em decorrência do uso da respiração mecânica e, sendo assim, da necessidade da indução do coma. Nesses casos, autoridades de saúde chegam a indicar a fisioterapia respiratória e motora, principalmente para idosos. O médico da Família, João Rodolfo, que atua diretamente com casos de coronavírus, em João Pessoa, alega que apenas uma minoria ainda precisará recorrer ao atendimento médico.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera, no caso dos doentes confirmados

por critério laboratorial, que estão recuperados aqueles que tiveram dois resultados negativos para a doença com pelo menos um dia de intervalo. Já nos casos leves de covid-19, possuem o intervalo de tempo de 14 dias entre o início da infecção e a recuperação.

“A confirmação de cura é complexa. A cura que temos é a cura clínica. O teste não vai confirmar a cura clínica, só confirma o contato com o vírus independente se seja teste rápido ou o PCR que é o isolamento viral que detecta o vírus na mucosa do nariz e garganta. O que está acontecendo é que o teste rápido está sendo aplicado, corretamente, dez dias após o início dos sintomas e aí o paciente já estará apresentando poucos sintomas e já perto do fim da doença. Geralmente, em casos leves, quando chegamos ao décimo quarto dia da doença, o paciente já pode ser considerado recuperado. Não tem nada que ateste a cura, a cura que classificamos é a cura clínica quando o paciente não apresenta sintomas”, afirmou João Rodolfo.

As pesquisas ainda seguem na busca de respostas.

Lidando com um novo vírus, a duração das limitações no período de pós-internação ainda é variante de caso para caso. Alguns pacientes, com quadros leves, voltam à vida normal com facilidade. Porém, a cautela deve ser mantida. A rotina de trabalho e de exercícios físicos, por exemplo, precisa ser feita de maneira gradual.

“Para pacientes com quadros leves, o diagnóstico não muda o método utilizado de tratamento. Nós não temos uma vacina ou remédio que cure a doença e tratamos os sintomas. Após o diagnóstico a pessoa vai seguir utilizando dipirona ou paracetamol, por exemplo”, avaliou João Rodolfo.

Mesmo com a recuperação, nenhum estudo em todo o mundo concluiu que pacientes recuperados possuem imunidade que evite uma nova contaminação. As autoridades, instituições e organizações de saúde seguem a OMS e indicam que cuidados com distanciamento social e higiene sejam mantidos. “O paciente deve seguir se alimentando bem, se hidratando”, finalizou o médico João Rodolfo.

Em Patos, AA realiza reuniões virtuais por causa da pandemia

Grupo atende homens e mulheres e ajuda na recuperação da dignidade e de uma vida longe do álcool

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Em uma sala convencional, no primeiro andar de um prédio antigo, localizado à rua Bossuet Wanderely, 375, no Centro de Patos, Sertão da Paraíba, um grupo formado por homens e mulheres vindos das mais diversas camadas sociais se reúne três vezes por semana, sempre no período da noite, para alcançar e manter a sobriedade. Os voluntários fazem parte do grupo de Alcoólicos Anônimos das Espinharas, que completou 47 anos de atuação na Cidade, no último dia 13.

Todas as terças, quintas e sábados a “família AA Espinharas” se encontra para conversar a respeito de um desafio comum: vencer o alcoolismo. Devido à pandemia do novo coronavírus que se espalhou de forma universal e os crescentes casos diagnosticados em Patos, o AA fundou um grupo de apoio online o “Grupo família AA de Patos”, que atende todas as noites.

A batalha é árdua. Suas histórias são marcadas pela destruição causada pelo vício. De chefes de família que perderam emprego formal, mulher e filhos por causa da bebida a aposentados entregues ao álcool quando a rotina diária já não era mais tão intensa, são os mais diversos e intensos casos contados por quem detectou, em si, o problema.

Todos os envolvidos lutam contra a mesma doença e não há indicação de medicamentos a serem usados. O primeiro passo é aceitar que se é alcoólatra e, então, ter força de vontade para ir contra esse diagnóstico. O processo é muito delicado.

Alcoolismo é uma doença crônica, com aspectos comportamentais e socioeconômicos, caracterizada pelo consumo compulsivo de álcool. “O alcoolismo é uma doença perigosa, progressiva, incurável e irreversível que não para de crescer, e, ela tem uma determinação fatal que leva a morte se não for detida a tempo”, relatou um membro, cujo nome não será divulgado em razão da necessidade de anonimato do grupo. O mesmo valerá para os demais entrevistados desta matéria.

No caso de um aposentado que frequenta o AA Espinharas, há 30 anos, o alcoolismo se manifestou ainda na adolescência, quando enfrentou problemas emocionais fortes, segundo ele, os prejuízos foram familiares e morais que de acordo com o voluntário, procurou a irmandade ao perceber que sua família estava sofrendo junto com ele. “A minha es-

posa e os meus filhos estavam sofrendo por conta do alcoolismo e eu sem saber o que estava acontecendo comigo e me sentia uma pessoa irresponsável. Fiquei sabendo da irmandade e resolvi procurar. Depois que comecei participar, entendi que eu era um doente do alcoolismo, precisava reconhecer e trabalhar para que eu não voltasse a ingerir bebidas alcoólicas. Eu aceitei o programa e hoje estou muito bem, Graças a Deus e aos Alcoólicos Anônimos”. Segundo ele, a fase da decisão de lutar contra a doença é bem dolorosa, mas as recompensas valem a pena. “O problema é que bebida é lícita, pode ser adquirida e consumida em qualquer lugar. Você tem que ser forte”.

Além do AA das Espinharas, na cidade de Patos existe mais quatro grupo de autoajuda de Alcoólicos Anônimos e já conta com cerca de 4 mil membros em fase de recuperação distribuídos entre os grupos Liberdade, Monte Castelo, Cinquentenário, Três Corações e o Espinharas. Vale ressaltar que os números podem ser bem maiores, já que o movimen-



Fotos: Arquivo Pessoal

Devido à pandemia do novo coronavírus, com casos e óbitos notificados na cidade, o AA fundou um espaço de apoio online: o “Grupo família AA de Patos”

to não mantém registros de seus frequentadores.

No caso de uma familiar de um portador da doença do alcoolismo, a irmandade ajudou a ela compreender melhor sobre a doença e, segundo ela, deu uma melhor perspectiva de vida sóbria ao seu parente. Ela também destacou a importância da famí-

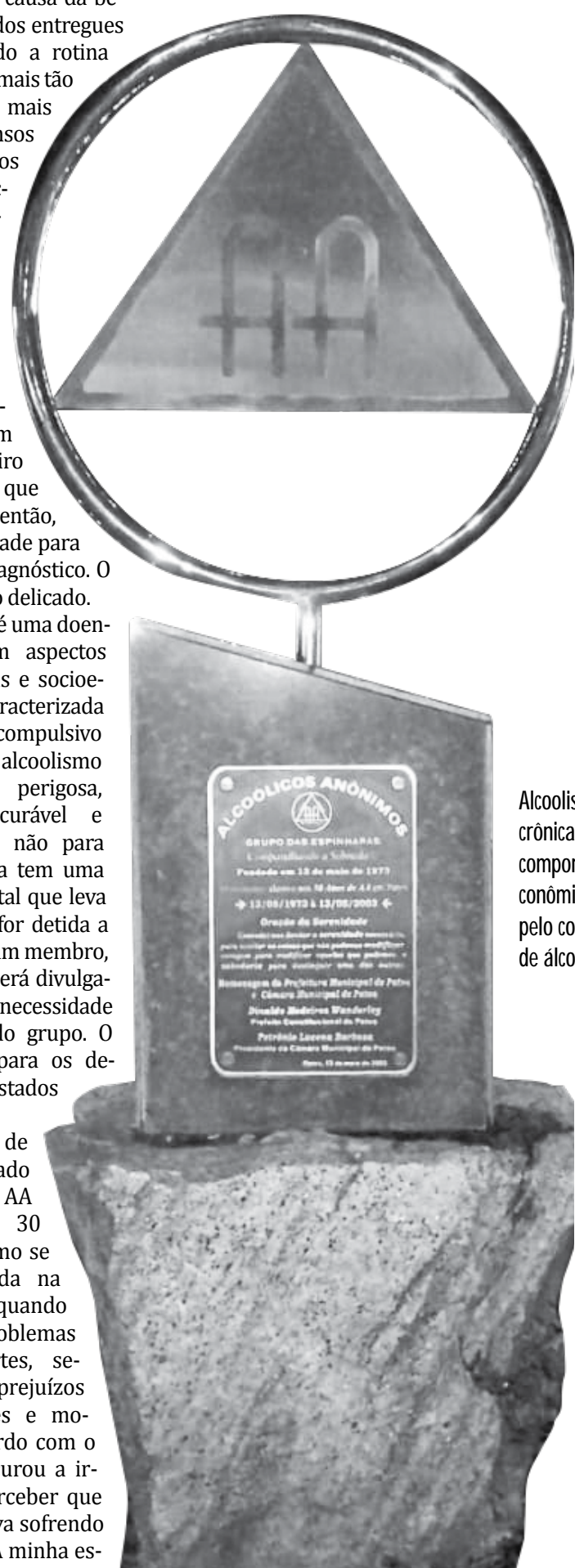
lia no processo de recuperação. “Para cada alcoolista, no mínimo, sete pessoas do seu convívio mais próximo são atingidos pelos efeitos da sua embriaguez. Seja desde uma codependência ou situações de violências físicas ou mentais. Somos aterrorizados por um sentimento de impotência”, falou.

Contatos

Os interessados em obter mais informações sobre a atuação do AA em Patos pode ligar para os telefones: (83) 9.9631-8875; 9.9904-9688; 9.9961-7444; 9.9883-1853; 9.8722-1782. Não há taxa de participação, nem cobrança de mensalidade e o grupo não tem relação com religiões, nem

política. O único pré-requisito é querer parar de beber.

A relação desta associação baseia-se na atração com o público ao invés da promoção, tendo a preservação ao anonimato pessoal na imprensa falada, escrita, ou televisiva, tendo em vista, o grande na recuperação do programa frente às pessoas não alcoólicas.



Alcoolismo é uma doença crônica, com aspectos comportamentais e socioeconômicos, caracterizada pelo consumo compulsivo de álcool

Preciso sair de casa, E AGORA, COMO ME PROTEGER ?



O uso da máscara é obrigatório;



Leve álcool em gel 70%;



Evite lugares com aglomeração;



Mantenha, no mínimo, um metro de distância das pessoas;



Sem beijos, abraços ou aperto de mão;



No transporte público, incentive a abertura das janelas para o ar circular.

fonte: @tvcultura

Na pandemia, sonhos e planos se distanciam

Paraibanos falam sobre projetos de vida que foram interrompidos ou adiados devido ao coronavírus

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Com a chegada de um ano novo, é natural que as pessoas estabeleçam metas e almejem sonhos para os próximos 365 dias que virão. No meio de tantos planos podem se encontrar um casamento, um novo emprego, uma viagem ou um intercâmbio, a conclusão de um ciclo, a abertura de um negócio. Mas, quando ainda no início do ano, no encaminhar das metas, uma pandemia acomete o mundo inteiro, alguns desses planos precisam voltar para a gaveta. E agora?

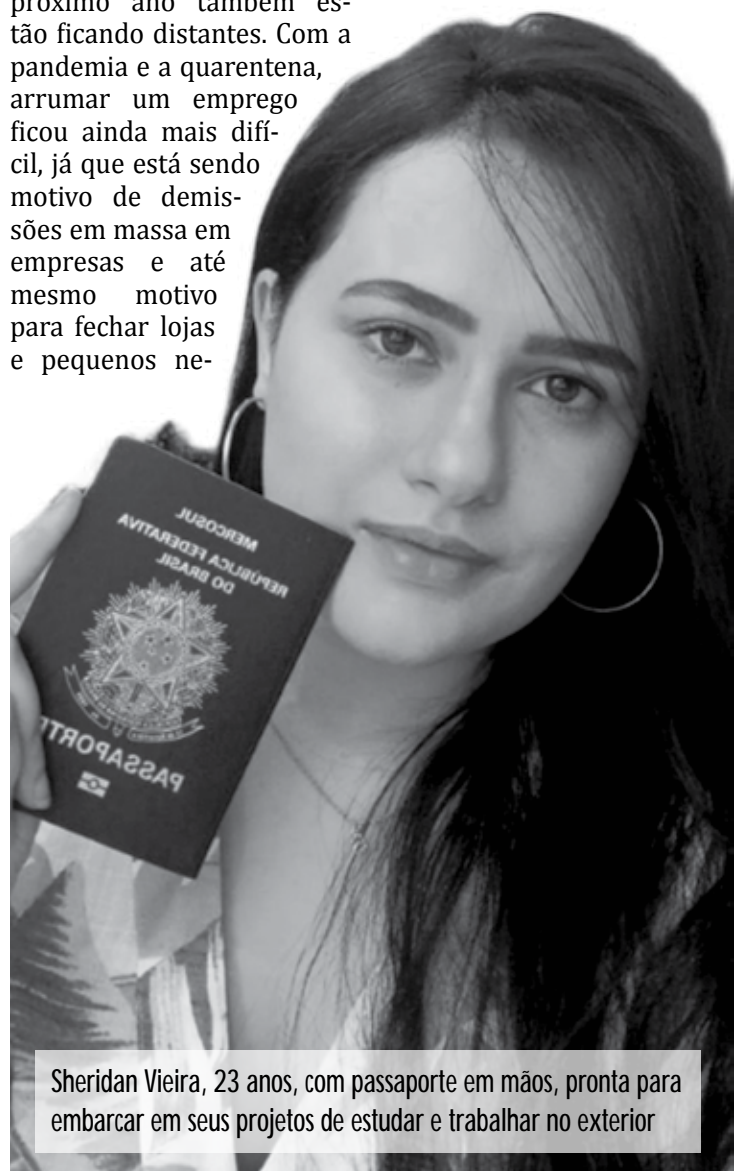
Sheridan G. Vieira, de 23 anos, estava se organizando para voltar a estudar inglês como parte do plano de ir trabalhar como AuPair, nos Estados Unidos, em 2021, e ingressar em uma universidade no exterior. Além disso, ela ainda pretendia procurar um novo emprego ainda no Brasil para auxiliar no custeio da viagem e também tirar a Carteira Nacional de Habilitação, que faz parte dos requisitos necessários para o trabalho estadunidense.

“Com os planos desse ano sendo adiados, os do próximo ano também estão ficando distantes. Com a pandemia e a quarentena, arrumar um emprego ficou ainda mais difícil, já que está sendo motivo de demissões em massa em empresas e até mesmo motivo para fechar lojas e pequenos ne-

gócios. Estudar o idioma em escola de Inglês Intensivo também se tornou impossível já que precisamos do isolamento social. Embora eu esteja estudando em casa, não é a mesma coisa e nem tem o mesmo efeito”, contou Sheridan.

De início, a mudança de planos foi um processo permeado de pensamentos pessimistas e desmotivadores. “É muito triste ver tudo mudando de uma hora para outra, não só os meus planos, mas tudo no mundo”, desabafou a jovem. Mas, Sheridan busca se reorganizar e não se deixar abater pelas adaptações.

“Mesmo com esse adiamento, estou com expectativas positivas para colocar a mão na massa assim que tudo melhorar. Como eu tinha tudo organizado em um planner, tem ficado mais fácil planejar tudo novamente para daqui alguns meses. Como é algo que desejo muito, não posso me deixar levar pela negatividade e sim pensar positivamente e tentar. Confesso que ainda fico pra baixo uma vez ou outra, mas depois volto a me animar quando penso no futuro”, finalizou ela.



Sheridan Vieira, 23 anos, com passaporte em mãos, pronta para embarcar em seus projetos de estudar e trabalhar no exterior



Conclusão do curso superior sem data definida

A pandemia do novo coronavírus, responsável por causar a covid-19, também bagunçou os objetivos traçados pela estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, Lillyane Rachel, de 22 anos. “Sem dúvidas, o meu maior plano para 2020 era concluir a minha graduação na data prevista. De repente, a pandemia aconteceu e precisei me readaptar às circunstâncias. Não foi um processo fácil e nem está sendo. É difícil acalmar a mente sem a menor garantia ou perspectiva de quando tudo voltará ao normal”, disse.

A situação ficou ainda mais delicada quando, também por conta da pandemia, a estudante precisou fazer mudanças na temática e na abordagem que daria ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). “Eu estou no último período da graduação e já estava com tudo caminhado. Contudo, para seguir as recomendações dos órgãos de saúde, precisei readaptar a temática a fim de evitar que eu tivesse contato físico com outras pessoas”, destacou Lillyane.

A construção de um TCC já é por si só um processo complicado e que afeta o emocional do estudante. Com a pandemia, as vulnerabilidades ficam ainda mais expostas e as dificuldades aumentam. As mudanças e adaptações necessárias nessa etapa, tão importantes para a conclusão da graduação, mexeram com as expectativas já construídas por Lillyane.

“Foi um processo bem doloroso para mim, já que tudo havia sido criado com expectativas, aguardando um resultado que agora, infelizmente, não será mais o mesmo. O TCC envolve os sonhos de alguém que está deixando a sua última marca enquanto estudante, como se fosse uma espécie de “carimbo final”. É óbvio que vamos querer entregar o nosso melhor. Contudo, veio a pandemia de forma inesperada com o poder de transformar tudo. Cabe a nós tentar construir o nosso melhor dentro das possibilidades. É o que estou visando fazer a partir de agora”, reiterou ela.

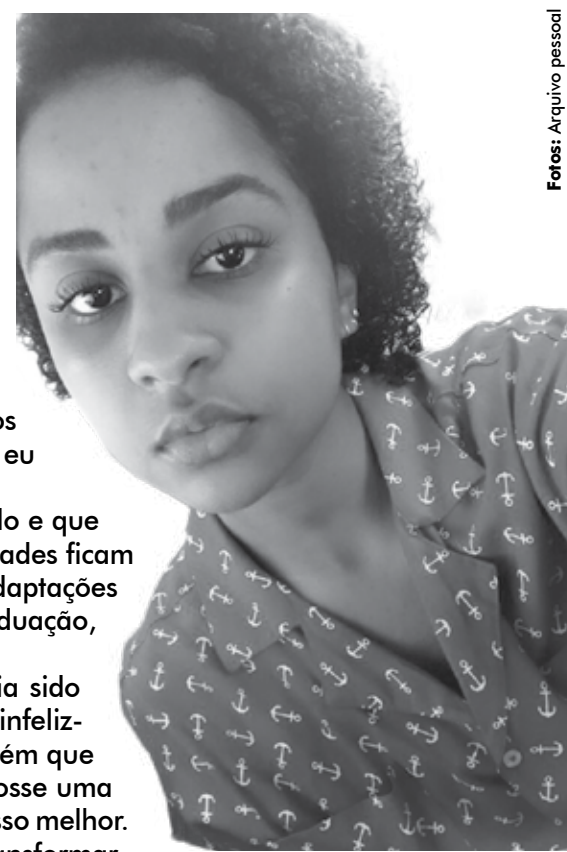


Foto: Arquivo pessoal

Lillyane Rachel, de 22 anos, precisou adaptar tudo: do cotidiano ao tema de conclusão do curso

O que a covid-19 separou, o amor vai unir

Ana Claudia Mendes, de 42 anos, também foi uma dessas pessoas que precisaram mudar a rota dos planos depois que as medidas de isolamento se intensificaram. “No início do ano fiz muitos planos junto com meu marido e meu filho e o principal deles era de nos mudarmos para Belém do Pará, onde ele recebeu uma proposta de emprego e aceitou. Ele iria na frente e, depois, nós iríamos”, explicou ela.

Daí, a pandemia foi decretada e o número de casos passou a aumentar cada vez mais, o que acarretou no adiamento da viagem de Ana e seu filho para Belém. Atualmente, apenas o marido de Ana Claudia está no Pará, aguardando pelo momento em que a família poderá estar reunida mais uma vez e com todos em segurança.

“A saudade é o combustível para manter acesa essa chama de querer reunir a família novamente. Como no momento o futuro é incerto, aprendemos a frear nossas ansiedades e viver um dia

de cada vez e preocupar-se apenas com o hoje, e desse jeito vamos nos organizando”, afirmou.

Outro fator que deixou a situação ainda mais triste para a família e, principalmente, Ana Claudia, foi o fato de ter precisado deixar seu emprego. “Quando começamos a traçar nossos planos, tínhamos etapas a seguir para poder chegar lá e uma dessas era que eu tinha que me demitir da empresa em que trabalhava há 14 anos. Acho que isso foi o que mais senti, pois amava o meu trabalho e agora estou desempregada, mas mantenho minha fé firme e forte em Deus e sei que dias melhores virão”, disse ela.

Apesar da frustração inicial e da falta de previsão para quando esse reencontro vai acontecer, Ana conta que, agora, a vontade de realizar a viagem junto com o filho aumenta cada vez mais. Ainda que não saiba o dia em que isso vai acontecer, ela não se permite mais ficar desanimada, mesmo diante das circunstâncias.



Para seguir os planos, Ana Mendes, de 42 anos, teve que pedir demissão, mas até agora não tem previsão de quando poderá reunir a família

EDITAL

REGISTRO IMOBILIÁRIO DA COMARCA DE ITABAIANA-PB REGINA COELI RODRIGUES DA SILVA, na forma da lei. Faz público para ciência dos interessados em cumprimento ao despacho no art. 2º do Decreto – lei nº 58 de 10/12/1937 regulamentado pelo Decreto nº 3.079, com modificações introduzidas pelo decreto nº 271 de 28/02/1967, ao qual foi incorporado a Lei 4.591 de 16/12/1964, que a Empresa GIBRALTAR CONSTRUÇÕES E INCORPORAÇÕES LTDA-EPP, CNPJ(MF) 24.430.330/0001-85, depositou neste Cartório, situado na Avenida José Silveira nº 70 Centro Itabaiana-PB, o memorial, plantas e os demais documentos relativos ao imóvel de sua propriedade localizada no Município de ItabaianaPB, denominado de Loteamento Alto Alegre-3, com área de 8.167,76 metros quadrados, composto por 04 (quatro) quadras e 47 (quarenta e sete) lotes de terrenos, dotados com infraestrutura básica como: Ruas, água, e energia elétrica. As impugnações daqueles que se julgarem prejudicados quanto ao domínio do referido imóvel, deverão se apresentar no prazo de 15 (quinze) dias a contar da terceira e última publicação do presente edital. Findo o prazo e não havendo reclamação, será feito o registro, ficando os documentos à disposição dos interessados no horário de expediente. Dado e passado na cidade de Itabaiana, estado da Paraíba, 22 de maio de 2020. Eu Tabelião do Primeiro Ofício da Comarca de Itabaiana-PB, que digitei e assino. O referido é verdade e dou fé.

Os encantos de Bananeiras

Com uma arquitetura secular e natureza exuberante, município é parada obrigatória para quem quer conhecer o Brejo paraibano

Teresa Duarte
Teresaduarte2@hotmail.com

O município de Bananeiras atrai turistas de várias localidades pelos seus atrativos. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2013 sua população está estimada em 22.012 habitantes distribuídos em uma área territorial de 258 km². Bananeiras fica localizada na Serra da Borborema, região do Brejo paraibano, a 141 km de João Pessoa, 150 km de Natal e a 70 km de Campina Grande, com altitude de 526 metros, e possui clima mais ameno que a média do Agreste paraibano.

Passada a pandemia por conta da covid-19 você pode se programar para fazer um city tour pela cidade seguindo em direção a Igreja Nossa Senhora do Livramento, Carmelo Sagrado Coração de Jesus e Madre Tereza, Memorial da Escola Agrícola, Campus da UFPB, antigo Colégio Dorotéia, Museu da Estação e Túnel da Viração. Outro roteiro pode ser iniciado com uma bela trilha de contemplação a natureza na zona rural, seguindo em direção ao Engenho Goiamunduca (produto da aguardente Rainha), passando pela Lagoa Encantada,

contemplação do pôr do sol no Cruzeiro de Roma e Estação Bananeiras (Antiga Estação de Trem).

Nesse roteiro você pode também se deliciar com banho nas águas refrescantes da Cachoeira do Roncador. Um lençol d'água que desaba de uma altura de 45m, graças a uma depressão formada no curso médio (com mais de 10 pequenas quedas d'água nas pedras) do Rio Bananeiras que nasce na mata da UFPB de Bananeiras. A flora nativa em redor da cachoeira mostra uma natureza exuberante, onde permanecem angelins, sucupiras, pau d'arcos, sapucaias e pirauás. O local é adequado para caminhadas ecológicas e a prática de camping selvagem, que faz parte de uma Área de Preservação Ambiental - a APA Roncador, criada pelo Decreto Estadual nº. 27.204 de junho de 2006.

Para quem gosta da natureza e procura a tranquilidade longe dos centros urbanos o lugar ideal é a "Bica dos Cocos, Bar e Restaurante Rural", um dos restaurantes regionais que se tornou ponto de parada para os turistas, não somente pela qualidade da gastronomia, mas também com a beleza proporcionada pela mãe natureza. O local encantador

fica na zona rural de Bananeiras, sendo ideal para os praticantes do turismo ecológico. O ambiente é belo e cercado de verde com fontes de água claras e cristalinas ideal para relaxar e se refrescar com um banho em diversas cascatas.

A contemplação do pôr do sol no Cruzeiro de Roma é encantador, pois que ele situa-se a 507m de altura, no topo de um chapadão intermédio da Cordilheira da Borborema. No topo do cruzeiro é possível avistar 5 municípios da Paraíba, além da estátua de Frei Damião em Guarabira-PB.

O Cruzeiro de Roma foi construído em 1899 em homenagem à Sagrada Família, por um proprietário rural, que, após ter alcançado uma graça, como pagamento de uma promessa, e, depois do consentimento do papa em Roma, na passagem do Século XIX para o Século XX.

A capelinha e a construção anexas têm 106 anos de existência e situam-se no topo, ocupando o epicentro das caminhadas dos peregrinos em demanda do roteiro "Nos Passos de Pe. Ibiapina". Também é parada obrigatória dos peregrinos que se dirigem a pé para o Memorial de Frei Damião, em Guarabira, ou que seguem em direção ao monumento de Padre Cícero, em Juazeiro (CE).

A beleza arquitetônica da Igreja de Nossa Senhora do Livramento chama a atenção dos turistas. Muito bem preservada, a sua construção durou em torno de 20 anos e foi concluída no dia 1 de janeiro de 1861. O padre José Antônio Maria Ibiapina incentivou a sua construção, com apoio do monsenhor Hermenegildo Herculano, por conta de que a antiga capela de taipa havia desmoronado.

Outra beleza arquitetônica do município é o Túnel do Trem ou Túnel da Viração, que foi construído em 1922 permitiu que a estrada de ferro chegasse a Bananeiras. Antes, o trem só ia até a Vila de Camucá (Borborema), a 12 Km de distância.

Na passagem para o túnel do trem, fica a estação velha do município, que hoje o complexo é composto pelo Restaurante da Estação, Pousada da Estação e o Museu Histórico Desembargador Semeão Cananéa.

O museu foi instalado na antiga residência do chefe da estação de trem, que foi inaugurada no dia 30 de julho de 1925, três anos após da chegada do trem a Bananeiras, em 15 de novembro de 1922.

O museu foi inaugurado no dia 18 de outubro de 2009, no mesmo dia que foi tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e pelo Ministério da Cultura.



Restaurante rural é um convite para o turista conhecer a saborosa comida servida na região



O Cruzeiro de Roma, visitado por peregrinos religiosos, conta com portal de entrada e capelinha

ONDE SE HOSPEDAR

■ Caminho do Frio Hotel

Tel. (83) 99609 – 2100/99172 – 9764

■ Pousada Solar do Barão

Tel. (83) 9852 – 3300/ 98713 – 9010

■ Eco Spazzio Tropical

Tel. (83) 99960 – 6185/ 99126 – 5990

■ Pousada All

Tel. (83) 3367 – 99018/99902 – 1638

■ Hotel São Pedro

Tel. (83) 3367 – 1318/(83) 3367 – 1441/(83) 3367 – 1103/ (83) 99145 – 1028

■ Pousada da Serra

Tel. (83) 3367-1233/99864-7005/ 999117-0270



A arquitetura da Igreja de Nossa Senhora do Livramento chama atenção pela beleza



A Cachoeira do Roncador, um lençol d'água que desaba de uma altura de 45m, é uma das grandes atrações do município

Entre a programação de hoje e amanhã do 'Meu Espaço', projeto virtual da Funesc, haverá uma palestra introdutória sobre a literatura de cordel. [Página 12](#)



Foto: Divulgação

Lucy investe nas 'live sessions'

Projeto audiovisual da artista paraibana traz performances e releituras ao vivo na internet

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Lucy Alves está explorando outras variações do tão amado forró: a cantora, compositora, multi-instrumentista e atriz, divulgou, neste mês, em seus perfis nas redes sociais, dois novos singles: a autoral 'Toda Vez (Pensando em Você)' e a releitura da Banda Magníficos, 'Verdadeiro Amor', na qual Lucy explora uma mescla com 'Chorando se foi', sucesso no começo dos anos 1990 da Banda Kaoma - à época da febre da lambada.

A composição de 'Toda Vez (Pensando em Você)' foi realizada por Lucy em parceria com Raphael Moura e, juntamente com 'Verdadeiro Amor', deverá integrar um EP a ser lançado ainda neste ano, na íntegra, segundo a paraibana.

Sobre suas novidades, Lucy está satisfeita e animada com o resultado. "São músicas que falam de amor, saudade e tem a energia que gosto. Acredito que, quando o artista curte o que está fazendo, há grandes chances de ser bem recebido pelo público, e as pessoas têm se manifestado de forma muito carinhosa, curtindo tanto quanto eu", aponta.

Além da versão em áudio, os planos são de seguir divulgando o novo material nas redes sociais em formato de *live sessions* ("sessões ao vivo") - uma espécie de ensaio transmitido pela internet, que ela já vinha trabalhando em seu canal do Youtube, com diferentes performances das canções.

// Gosto da música e queria cantá-la. Toda troca, mistura, crossover só enriquece o vocabulário do artista. Liberdade e coragem são fundamentais //

Em tempos de quarentena, a cantora e compositora tem produzido o material que integrará o EP que, no momento, está "praticamente finalizado", adianta ela. "Tenho produzido sempre com meu produtor Marcel e meu *beatmaker* Anderson Nem. Estamos lançando single a single até completarmos esse EP", comenta, adiantando que esse projeto já estava planejado desde antes do isolamento social. "Diante da pandemia alguns lançamentos e planejamentos foram repensados, mas a música não para", afirma.

Marcou uma geração

A versão de 'Verdadeiro Amor' foi primeiramente lançada no início do ano em uma live session no seu canal do Youtube. Para ela, a Banda Magníficos tem um grande poder de influência na sua vida pessoal e profissional, bem como outros grupos do gênero da mesma época. "A música está em constante movimento. Cresci escutando desde Luiz Gonzaga, passando pelo momento do apogeu de bandas como Mastruz com Leite, Magníficos, Cavalo de Pau e Dorgival Dantas. E continuamos numa crescente, produzindo e absorvendo os novos sons que sempre brotam no Nordeste, região de infinita riqueza musical", lembra a cantora.

Para Lucy Alves, a Magníficos marcou uma época, que já é batizado de "forró das antigas" quando aconteciam apresentações nesses últimos anos. "Eu realmente vivi intensamente, dançando ao som desse grupo, vivendo meus primeiros amores, que foram embalados pelos hits das bandas de forrós. Termi-

na influenciando toda uma geração e comigo não foi diferente".

A releitura significa, portanto, uma homenagem da artista para o grupo que tanto a influenciou. "Gosto da música e queria cantá-la". Inserir novas linguagens em seu repertório, como a lambada, faz parte do crescimento pessoal e profissional do artista, como Lucy comenta. "Toda troca, mistura, crossover só enriquece o vocabulário do artista. Liberdade e coragem são fundamentais".

Durante o período de quarentena, Lucy revela estar focando em seu novo material, mas também tem procurado outras atividades paralelas, como meditar e "aprimorar as habilidades em outras áreas".

Para a paraibana, este é o momento onde se pode focar no autoconhecimento. "É um período de mergulho, de escutar a si mesmo, escutar o mundo e se solidarizar com ele. De se aproximar e ajudar da forma que podemos outros artistas e pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade. Vejo que só o amor será capaz de nos salvar e eu tenho procurado focar nisso", conclui Lucy, que está realizando frequentemente transmissões ao vivo dedicadas a campanhas como a #PandemiaComEmpatia.

Através do QR Code ao lado, acesse o canal oficial no Youtube de Lucy Alves

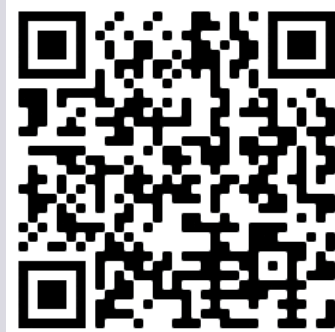


Foto: Hugo Barbieri/Divulgação

EP que será lançado ainda neste ano tem a releitura da Banda Magníficos, 'Verdadeiro Amor', que se mistura com 'Chorando se foi', hit da Banda Kaoma

+ Referência para Lucy, Sivuca era "uma enciclopédia musical"

Foto: Arquivo Pessoal



Encontro de Lucy com Sivuca quando ela foi a solista da Orquestra Infantil da Paraíba

Geralmente, quando se observa Lucy Alves com o acordeon, percebe-se que, dentre os músicos que serviram de inspiração para a sua trajetória, sem dúvidas um deles é o Mestre Sivuca, que nos deixou no final de 2006. Na próxima terça-feira, o ilustre paraibano faria 90 anos.

"Sivuca é uma das minhas maiores referências como musicista, sanfoneiro e artista. Foi uma figura muito presente na minha formação musical. Eu me espelhei muito nele porque também comecei em orquestra, tive essa presença da música erudita e foi bonito ver um sanfoneiro que saiu das feiras de Itabaiana

conseguir alcançar o mundo e ser muito plural", conta. "Ele nunca tocou uma coisa só, nunca foi uma coisa só. Ele é muito importante não só para a história musical e cultural da Paraíba, mas do Brasil e do mundo. Sivuca era uma enciclopédia musical, era considerado um bruxo, assim como o Hermeto Pascoal", analisa a artista.

Antes da fama nacional, Lucy teve um encontro com Sivuca, que foi convidado especial de uma apresentação em que a jovem foi solista, tocando sanfona com a Orquestra Infantil da Paraíba. "Eu tive a honra de conviver com ele, inclusive a honra ao

lado da minha família (o Clã Brasil) de participar do único DVD dele, *Sivuca, o Poeta do Som*", recorda Lucy.

Sobre as músicas do músico que mais marcou, ela destaca a clássica 'Feira de Mangaio' (gravada no DVD do Clã Brasil com participação do mestre) e outra que foi feita por ele e Glorinha Gadelha especialmente para o Clã Brasil, que é 'Visitando Zabelê'. "Quando penso em Sivuca, vêm essas de cara, mas têm tantas outras, como 'Adeus Maria Fulô' e 'João e Maria'... mas 'Feira de Mangaio' e 'Visitando Zabelê' são as que mais me marcaram. Viva a Sivuca".

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

'Capelas do Tibiry': um filme jamais concluído

Dos programas de subsídio à Cultura, pouco ou quase nada, acredito na lisura de seu uso objetivo. Digo isso, não em razão daquelas instituições que bancam financeiramente os projetos, mas de interesses que, sob "simpáticas" influências de gabinetes, conseguem abastar-se desses recursos, fazendo de tais fomentos um hábito meramente pessoal.

No entanto, afirmo que tal coisa não terá sido pré-requisito nas políticas atuais de benefícios culturais, mas desvirtua a boa-fé daquilo que deve ser; e isso tem acontecido a miúdo. Contudo, que venham os recursos para a nossa Cultura. Ela merece! E aqui, evoco a expressão de um dos nossos queridos artistas, Arion Farias, quando afirma: "O que seria da vida sem a fotografia?"

Esse tema me ocorreu mais uma vez esta semana – já que sempre fez parte de meus próprios ritos de arguições, ao indagar a mim mesmo o porquê de não enxergar com bons olhos essa questão dos editais –, em razão de duas matérias publicadas recentemente em **A União**: uma especial, assinada por Beatriz de Alcântara, como título *Circuito das igrejas de Santa Rita conta a história da PB*, e uma outra do parceiro de redação Guilherme Cabral sobre o lançamento do edital Cultura Paraíba na Web, pelo Governo do Estado.

Então, rebobinemos os fatos...

Retornando a João Pessoa, após quase três anos em Brasília, onde estive cursando a pós-graduação em Comunicação Social e Cultura Contemporânea na UnB, voltei às salas de aulas na UFPB e, à noite, no IESP e na ASPER, com as disciplinas de Fotografia e Cinema, além de Publicidade e Propagan-



Capelinha do Engenho Una, localizada no município de Santa Rita

Foto: Divulgação

da. Não terá sido apenas nesse tempo a minha desconfiança, de uma quase total falta de informações dos alunos, basicamente sobre História Colonial da Paraíba.

De pronto, juntamente com o amigo e historiador José Octávio de Arruda Mello, com a parceria do fotógrafo Arion Farias e do professor José Nilton, todos da UFPB, promovemos um estágio de *upgrade* para os docentes do Estado, no Centro de Formação de Professores, localizado na Av. Beira-Rio. Inclusive, com a exibição do nosso documentário *Parahyba*.

Ato contínuo, elaborei o projeto em cinema titulado *Capelas do Tibiry*, cuja finalidade seria oferecer suporte histórico ao Ensino Médio das escolas oficiais e particulares de toda a Paraíba, a partir da importância arquitetônica e também religiosa das capelinhas barrocas, durante a colonização, com sua implantação por toda a várzea canvieira do município de Santa Rita.

Feito o projeto, devidamente fiel às exigências e pré-requisitos do edital, inclusive documentado com o aval expresso do Iphan, pela superintendente regional do órgão na Paraíba, à época, doutora Eliane de Castro, dei entrada na secretaria competente. De pronto, recebemos os laudos confirmatórios de sua aprovação em dois dos três itens do concurso: o Jurídico e o Financeiro. Até aí, tudo bem! Uma terceira exigência, não prevista em edital, vinculava a proposta "às necessidades formais exigidas pelo Gabinete de Cultura".

Não entendi a cobrança acima. Quais seriam essas "exigências formais", já que as duas principais tinham sido ratificadas no projeto? Indaguei-me. Foi aí que caiu a ficha. Faltava a "barganha" de bastidores. E nessa... eu não entrei, não! – Mais "coisas de cinema", acesse nosso blog: www.alexantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertbarbosa@bol.com.br

O coronavírus e o homem

Não sei como você, caro leitor, está se sentindo nestes ásperos tempos em que o fantasma do coronavírus ronda seus passos e os de todos nós. O medo, a angústia, a ansiedade, a solidão e o tédio certamente se mesclam na conjugação de uma atmosfera de desconforto nunca vivida antes.

No que me concerne, a sensação que sinto é simplesmente de exílio. Sinto-me exilado, não com aqueles sintomas de um exílio poético, experimentado por todo aquele que se presta a lutar com as palavras no sentido de reinventar o mundo e abastecê-lo com a ração necessária de fantasia e sabor.

Não, sinto-me exilado em carne e osso, física e organicamente, pois mesmo perto de pessoas que amo, não posso vê-las nem tocá-las. Sinto-me exilado dentro de mim mesmo nesses ásperos dias de coronavírus. O que não quer dizer que esses dias, em si mesmos, cheguem a diferir necessariamente dos dias ditos normais, aqueles que vínhamos vivendo como quaisquer outros dias. Aqueles dias neutros, brancos e ordenados na planilha da rotina. Mas também eivados de ameaças, violência e injustiça, que disso tem sido feita a nomenclatura da história.

O exílio me dói naquilo que implica de cerceamento e opressão, principalmente no que tange aos limites impostos, pela lúcida necessidade do isolamento social, à liberdade de ir e vir, ou, dito de outra forma, à liberdade de circular por aí, ao léu do tempo, por lugares e paisagens de que gostamos e que nos alimentam o mapa dos devaneios e do espanto diante da beleza geográfica e ecológica da cidade. Sim, porque a cidade onde moro é uma cidade bonita. Sem o coronavírus ou com o coronavírus. Parece que a beleza é indiferente à morte!

À parte isso e, mais ainda, o falecimento das pessoas conhecidas, próximas, desconhecidas e anônimas, vítimas desse mal invisível e silencioso, não vejo onde estão a novidade e o ingrediente estranhos desse mal.

Sei e já sabia que este vírus, como tantos outros, andava e anda por aí desde que a vida é vida e que o mundo é mundo. Como tantos outros, o coronavírus age e reage em pleno meio-dia nos espaços e ambientes sociais os mais diversos: formais ou informais, sagrados ou profanos, fechados ou abertos, ricos ou pobres, dentro do inesperado da rotina de cada um.

Conheço-o, desde a mais tenra infância. Logo no Grupo Escolar Major José Barbosa, lá na Comarca, ele se me apresentou travestido na pele de certas professoras e de certos colegas, reinando num clima de autoritarismo e ignorância simbolizado pelo estalo seco e inesquecível da palmatória. Depois, ele estava lá, no Colégio Estadual da Prata, já nos ares da Serra, na figuração poderosa do AI-5, a se prolongar pelos anos de vigilância e de sufoco na UFPB. Num primeiro momento, como aluno, e, num segundo, como professor.

Ah! O coronavírus se disseminava pelos corredores abafados, pelas salas de aula, pelos departamentos e, aqui e ali, se entrincheirava, com todo seu veneno letal, nas reuniões do colegiado. Muitos com quem convivi nada mais eram do que seus fidelíssimos prepostos. Estavam ali, como tantos, hoje, aqui, lucidamente instruídos para fazer o mal.

A verdade é que o coronavírus está solto pelas ruas da cidade, pelas praças públicas, pelos logradouros, pelos bares, pelas livrarias, pelos hotéis, pelas casas noturnas, pelos salões de beleza, pelos bancos, pelos estádios, pelas academias, pelos tribunais, pelas assembleias, pelos shoppings, pelos quartéis, pelas igrejas, pelos centros, pelos terreiros, a destilar, sem complacência, os gases da morte. Dentro ou fora de casa, dentro ou fora da gente mesma, ele está aí e não dá tréguas.

Talvez ele seja um elemento entrópico no sistema natural. Mas não tão entrópico quanto o homem. Posso estar errado, porque sou homem, e o homem erra. E não somente erra. Penso que o homem é o próprio erro. Ou, quem sabe, o pior coronavírus.



Academia homenageia Wills Leal

Academia Paraibana de Cinema (APC) publicou em vídeo esta semana, pelo Youtube, uma homenagem que a entidade prestou, em dezembro do ano passado, ao jornalista e escritor Wills Leal (recém-falecido). O encontro se deu em uma das pousadas do Cabo Branco, em João Pessoa. O vídeo, que tem aproximadamente 40 minutos, tem a participação da presidente da APC, a atriz Zezita Matos, além de membros de sua atual diretoria.

'Meu Espaço'

Aula de cordel é o destaque do projeto

Cairé Andrade

caireandrade@gmail.com

Contação de história, teatro e circo estarão representadas na tarde de hoje do 'Meu Espaço'. Promovido pela Funesc, a iniciativa é resultado de um edital enquanto possibilidade de incentivo para a cultura paraibana, em uma programação de aproximadamente duas horas por dia. Amanhã, as linguagens abordadas serão de literatura, circo, teatro e música. As exposições têm início às 17h e a programação completa pode ser conferida no site da Fundação.

Iniciando a tarde de hoje, Pedro Marques ministra uma videoaula para o público infantil confeccionar sapato de palhaço de uma forma prática e criativa. Através da utilização de garrafas pet, ele pretende estimular a reutilização do que iria pro lixo. "A ideia do vídeo é trabalhar a importância da educação ambiental de uma forma lúdica, estimulando a criatividade da família toda", explica Pedro, que ministra oficinas educativas em escolas com o propósito de reutilização de material. "A ideia é transformar o que iria para o lixo. Devemos ter essa consciência", reforça.

Amanhã, Robson Jampa inicia a programação com uma palestra sobre literatura de cordel em uma aula introdutória, na qual o entusiasta do gênero se define como um amante da cultura popular nordestina. "É algo que eu faço



Foto: Divulgação

Amanhã, Robson Jampa fará uma palestra sobre literatura de cordel em uma aula introdutória

tanto como um objetivo pessoal como para valorizar e disseminar o cordel, principalmente nos tempos atuais".

O resultado foi um desafio para Robson, que filmou, editou e realizou todas as etapas do processo sozinho. Foi a primeira vez que ele utilizou as ferramentas de vídeo, mas adianta ter gostado da experiência e pretende realizar mais materiais semelhantes. "Já surgiram outras ideias".

Tecnologias como a internet auxiliam a disseminar as artes pelo mundo. As transmissões ao vivo entram como uma possibilidade de enriquecimento cultural e, para ele, "ter essa valorização cultural através de um canal, ajuda a ganhar evidência e promove possibilidades de novas experiências

dentro desse meio. Saber aproveitar essas ferramentas pode ser uma mão na roda para ajudar a promover ainda mais a cultura popular", ressalta.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial no Youtube da Funesc



Bastidores que marcaram a Copa dos Campeões na PB

Histórias curiosas contadas por quem esteve bem perto das maiores estrelas do futebol

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Prestes a completar 20 anos da primeira edição da Copa dos Campeões realizada em João Pessoa, a disputa ainda rende memórias entre torcedores e profissionais da imprensa que tiveram a oportunidade de assistir e trabalhar nos jogos dos principais times do país direto do Estádio Almeidão. Nas duas edições - que tiveram o Palmeiras e o Flamengo campeões em 2000 e 2001, respectivamente -, os jogos foram sediados nas capitais da Paraíba e de Alagoas e foram sucesso de público e também de futebol. Sob o olhar de quem assistiu aos jogos das arquibancadas e cabines de imprensa, a disputa é até hoje inesquecível.

O jornalista Phelipe Caldas, na época, ainda estava ingressando no curso de jornalismo da UFPB e não atuava na profissão, mas lembra muito bem de sua experiência como torcedor e amante do futebol em contato com grandes jogos como os ocorridos nas duas edições em João Pessoa. Para Caldas, as principais lembranças são das arquibancadas.

“Lembro de ter ido em praticamente todos os jogos que aconteceram aqui e foi uma grande festa com a presença dos craques da época. Eu já frequentava o estádio nesse tempo e uma coisa que me marcou e era muito perceptível, a presença de um público repleto de pessoas que não eram habituais no

Naquele tempo, não havia os esquemas de segurança que existem hoje, então bastou a gente se vestir com uma roupa mais organizada para ter acesso aos atletas dentro do hotel //

Almeidão. Por conta disso, houve algumas confusões típicas de quem não está acostumado com a dinâmica, mas sem dúvida alguma, uma das coisas boas do torneio foi levar esse torcedor pela primeira vez ao campo. Infelizmente, na minha visão, após o torneio não houve grande aproveitamento desse sucesso para o nosso futebol, mas ainda assim, ele entrou para a história”, comentou Caldas.

Stefano Wanderley, hoje repórter da Rádio Tabajara, assim como Caldas, era mais um torcedor entre o milhares que acompanharam a Copa dos Campeões. Porém, ele foi além e junto com um amigo, montou uma estratégia ousada para ficar mais próximo dos seus ídolos. Vestidos de maneira mais formal que o habitual para torcedores, eles conseguiram se separar da massa que aguardava atletas e jornalistas do lado de fora dos hotéis e no estádio, conseguindo acesso direto aos bastidores da competição.

“Eu assisti todos os jogos das duas edições e fiz mais. Naquele tempo, não havia os esquemas de segurança que existem hoje, então bastou a gente se vestir com uma roupa mais organizada para ter acesso aos atletas dentro do hotel. Geralmente eu ficava próximo ao restaurante, fingindo que estava no telefone, as vezes pedia um café ou algum lanche como se fosse um hóspede. Aí era só esperar os jogadores saírem dos quartos às refeições e abordá-los para conseguir fotos e autógrafos. Funcionou tanto que fiz amizade com alguns deles”, disse Stefano, orgulhoso da façanha.

Além dos craques do futebol em atividade, também estiveram estrelas do quilate de Rivelino, um dos embaixadores da competição, assim como um timaço da imprensa formado por nomes como Luciano do Valle, Luiz Roberto, Sérgio Noronha, Arnaldo César Coelho, Eric Faria e

Luiz Ceará. Eles trabalharam em conjunto com os veículos locais como o Jornal A União e a Rádio Tabajara para uma das coberturas mais relevantes da história esportiva da Paraíba. Nesse ambiente da imprensa, usando a mesma estratégia dos hotéis, Stefano também conseguiu estar.

“O primeiro jogo do torneio de 2000 foi muito agitado por conta da festa pela inauguração dos refletores. Aproveitamos isso para ter acesso aos profissionais de imprensa e conseguimos entrar nas cabines, mesmo sem identificação, pelo acesso das autoridades. Nesse dia, encontrei com dois saudosos ídolos, Luciano do Valle e Adilson Couto da Rádio Jornal do Comércio, além de profissionais da equipe da Rádio Tabajara com quem, anos depois, eu passei a trabalhar”, relembrou Stefano.

Mesmo com toda a atmosfera que girou no entorno dessa competição, incluindo aí a primeira reforma do Almeidão e a inauguração dos refletores do estádio, a grande atração seguiu sendo a seleção de craques que passou nas duas edições do torneio na Paraíba.

Nos elencos campeões jogavam, por exemplo, Asprilla, Zinho, Alex, Paulo Nunes e Marc os, pelo Palmeiras, já o Flamengo de 2001 tinha Edilson, Gamarra, Júlio César e Petkovic, treinados por ninguém menos que Zagallo. Mas nenhum deles ficou tão marcado como uma dupla do São Paulo que, mesmo sem títulos, teve momentos históricos na primeira edição daquele campeonato: Raí e o dono da casa, Marcelinho Paraíba.

Marcelinho estava no auge de sua carreira e meses depois partiu para jogar no futebol europeu. Ele era um dos principais atletas de um São Paulo repleto de craques - Rogério Ceni, Luís Fabiano, França e o jovem Kaká, por exemplo - e jogando em casa, o paraibano recebeu diversas

honorarias e muito calor da torcida que adotou o tricolor paulista como uma das equipes favoritas nesse torneio por sua causa.

Mesmo favorito ao título em 2000 e com o apoio das arquibancadas, o time de Marcelinho acabou caindo nas semifinais para um surpreendente Sport-PE que havia perdido o primeiro jogo em Macéio por 2 a 1, mas após uma grande invasão de torcedores pernambucanos ao Almeidão buscou um inesperado 3 a 1 para avançar à final - o gol tricolor foi de Marcelinho que marcou em todos os jogos disputados no Almeidão.

Para Raí, um dos grandes jogadores do futebol brasileiro e um dos principais, senão o maior ídolo da história do São Paulo, a derrota ocorrida no dia 22 de julho de 2000, ficou marcada como a sua última partida como jogador de futebol. Na época, o craque concedeu uma entrevista exclusiva para o Jornal A União e os jornalistas Edônio Alves e Gilson Renato cujo recorte trazemos nessa matéria, assim como outros registros da época.

Edônio era colunista do Jornal A União e trabalhou na vasta cobertura da competição realizada pelos meios locais. Segundo ele, foi na simbiose entre estádios cheios, grandes jogos e estrelas do esporte que a Copa dos Campeões ficou marcada na memória afetiva de quem pôde vivenciar aquela disputa.

“Para aquele momento, de certa forma, a competição funcionou como um revigorecimento do futebol nacional. Tivemos aqui grandes jogos, estádios sempre lotados e um movimento impressionante na cidade e no estado de um modo geral. Essa foi uma cobertura marcante e uma grande experiência para todos que estiveram envolvidos com a competição dentro e fora dos gramados”, afirmou Edônio Alves.

Imagem: Arquivo



ALMEIDÃO
O Estádio foi reformado para o grande torneio, inclusive, com uma nova iluminação, ecom excelente cobertura do jornal centenário

Imagem: Arquivo



ESPECIAIS
Várias entrevistas nas páginas de A União, essa sobre Raí, com as assinaturas de Edônio Alves e Gilson Renato



Tráfico: uma ameaça à vida animal

Atividade ilícita movimenta cifras milionárias e põe em risco espécies silvestres da fauna no mundo inteiro

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Cobras, tamanduás, papagaios, corujas, saguis e muitos outros animais silvestres têm como habitat natural as matas, reservas ecológicas, florestas, bosques. Ou seja, não estão acostumados à convivência com humanos. Vivem soltos na natureza e são essenciais para o equilíbrio do ecossistema. Mas, infelizmente, o direito à vida e à liberdade de muitas espécies é desrespeitado. Em todo planeta, criminosos traficam animais silvestres e essa rede movimenta até US\$ 20 bilhões de dólares, todos os anos, no mundo. É a terceira maior atividade ilícita do mundo, ficando atrás apenas do narcotráfico e do tráfico de armas.

O Brasil se destaca neste tipo de tráfico pela grande biodiversidade que possui. Somente na Paraíba, 2.123 animais silvestres foram apreendidos pelo Batalhão Ambiental entre 19 de fevereiro a 19 de abril deste ano. Como se não bastasse a grande quantidade, o número representa um aumento de 1.156% comparado aos 60 dias anteriores. Esses animais foram encontrados em criadouros ilegais, ou seja, sem nenhum registro dos órgãos de licenciamento.

O comandante do Batalhão Ambiental da Paraíba, tenente coronel Melquisedec Lima de Figueiredo, afirmou que, independentemente da forma como os animais silvestres são tratados em um domicílio, se o responsável pelo animal não tiver registro do órgão ambiental, está cometendo crime. Por isso, todas as vezes que se encontram animais silvestres em criadouros sem registro há autuação do responsável e as multas podem variar de R\$ 500 a R\$ 50 milhões. "Não importa se ele está sendo bem tratado. Se estiver ilegal, seguimos o que diz a lei".

Um dos animais bastante traficado, segundo o tenente coronel Lima, é o papagaio, porque ele é dócil. Porém, um triste dado envolve esse mercado negro. "A cada 10 papagaios traficados, apenas dois sobrevivem. Então, para abastecer esse mercado negro, oito papagaios morreram para que apenas dois fossem criados em casa".

Após a realização do resgate, a equipe do Batalhão avalia a condição de cada bicho. Os que estão saudáveis são soltos na natureza, mas aqueles que estão machucados, debilitados ou foram criados por muito tempo em cativeiro não podem ser liberados. Eles são levados para o Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas),

do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), na Paraíba, onde são reabilitados.

O superintendente do Ibama-PB, Arthur Navarro, ressaltou que a expansão urbana desordenada favorece a captura ilegal dos animais silvestres. "Com o desmatamento, os animais ficam com menos áreas para sobreviver, menos disponibilidade de alimento, e isso prejudica a dinâmica da população, que fica vulnerável à captura para cativeiro ilegal e sujeita a mortes por atropelamento nas ruas e rodovias".

Segundo ele, é necessário que nos processos de licenciamento ambiental de empreendimentos imobiliários sejam exigidas medidas de monitoramento e compensação ambiental para a fauna silvestre. "Esses animais são importantes como todos elementos ecológicos da natureza e seus ciclos, agem na cadeia alimentar, são dispersores de pólen e sementes", reforçou Navarro.

A cada dez animais traficados, nove acabam morrendo antes mesmo de chegarem ao destino

Batalhão atua contra criminosos

O trabalho do Batalhão Ambiental da Paraíba voltado aos animais silvestres envolve duas vertentes principais: a captura e o resgate. A captura ocorre quando os animais estão fora do seu habitat natural, mas estão soltos. Um exemplo são os répteis, que têm o sangue frio. Em tempos menos ensolarados, às vezes, eles saem de seu habitat natural e vão para locais mais quentes para se aquecer, como as residências das pessoas.

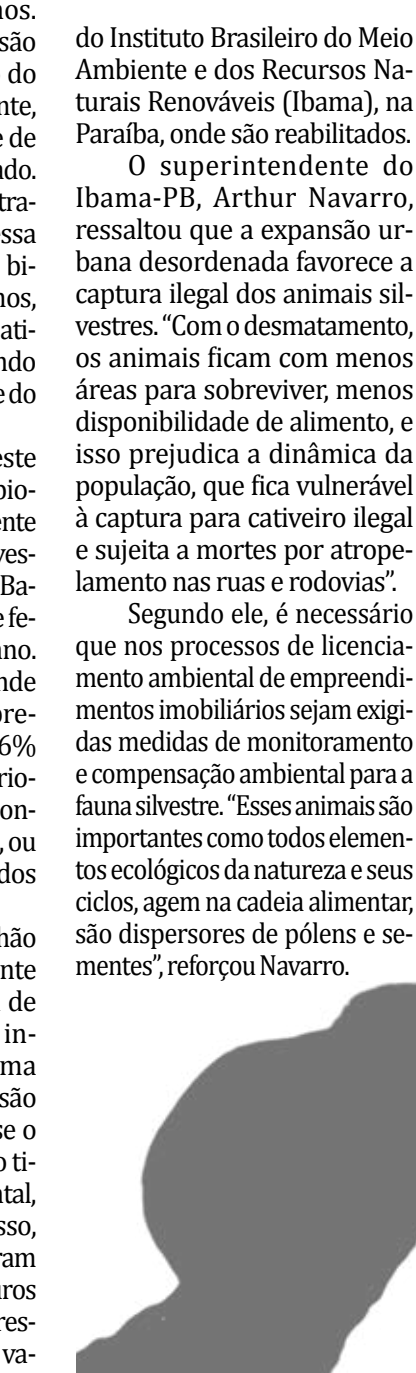
Outra vertente do Batalhão é o trabalho de resgate. Ele ocorre quando o animal está preso, sem chance de fuga. A descoberta deste crime é feita quando há denúncia ou através de busca e levantamento realizados pela equipe do Batalhão. Tanto no caso da captura quanto no resgate, a população pode acionar o número 190 para que as providências sejam tomadas.

Ainda existe a seção de educação ambiental, que realiza ações nas escolas, mas a atividade está parada temporariamente por conta da pandemia de covid-19.

Mortes

A Renctas, uma organização sem fins lucrativos que luta pela conservação da biodiversidade, aponta que o tráfico de animais silvestres afeta 18% das espécies de aves, mamíferos, répteis e anfíbios do planeta. E a cada 10 animais traficados, nove morrem antes mesmo de chegar ao seu destino. Segundo o comandante do Batalhão Ambiental da Paraíba, tenente coronel Melquisedec Lima de Figueiredo, a retirada ilegal desses animais traz desequilíbrio à natureza. "Todo animal tem sua função na natureza. A partir do momento em que há a captura ilegal, há o desequilíbrio naquele ambiente".

Continua na página 14



Comandante do Batalhão Ambiental, Melquisedec Lima, alerta que, independentemente do animal ser bem tratado, o criador precisa ter licença ou será enquadrado com base na lei





Centro acolhe e encaminha animais de volta à natureza

Após passarem por triagem, os bichos recebem cuidados necessários até que possam ser soltos no habitat natural

Alexandra Tavares

lekajp@hotmail.com

Quando são retirados da natureza para aquecer o mercado ilegal, os animais silvestres são comercializados em locais como feiras clandestinas e até anunciados pela internet, onde são ofertados para várias finalidades como, por exemplo, serem pet (animal de estimação). Há casos em que, para enganar o comprador, os criminosos mutilam o animal para vendê-los como “manso”, tornando impossível o seu retorno à natureza.

“É o caso de uma águia-serrana recebida no Cetas, fruto de apreensão, que teve parte de sua asa amputada, condenando-a ao cativeiro pelo resto da vida”, disse a analista ambiental Paula Galvão Teixeira de Almeida. Ela trabalha no Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) na Paraíba. O local acolhe anualmente cerca de dois mil animais silvestres, resultado de apreensão, resgate ou entrega voluntária.

A analista ambiental conta que muitos animais que são afastados da natureza são capturados ainda filhotes ou presos em armadilhas. Um exemplo são os primatas. Segundo Paula, eles são pegos ainda bem pequenos e passam a ser criados pelos “donos” como membros da família. Ao chegarem à puberdade, começam a urinar em locais não permitido pelos moradores e a morder (comportamentos normais na natureza). Nesse momento, eles são entregues pelo próprio cidadão ao Cetas ou abandonados na rua. “Esses animais não se encontram asselvajados, sendo difícil seu retorno à natureza”, lamentou a analista ambiental.

Dependendo do tipo de tratamento a que são submetidos, seja em criadouros ou comércio clandestino, di-

versos exemplares da fauna silvestre geralmente chegam debilitados ao Cetas. Eles passam por uma triagem e recebem a destinação adequada. A prioridade, segundo Paula Almeida, são as solturas em seus habitats de origem.

Neste período de isolamento social, a equipe do Cetas atua em regime de escala, recebendo apenas animais feridos ou doentes, bem como filhotes que necessitam de cuidados. “No caso de animais muito mansos ou sem condições de retorno à natureza, são encaminhados a instituições parceiras como zoológicos ou criadores legalizados”, contou.

Além do trabalho desenvolvido pelo Cetas, o superintendente do Ibama-PB, Arthur Navarro, destacou que o órgão atua em toda a Paraíba para proteger a fauna silvestre. “Realizamos operações de combate à caça e ao tráfico de animais silvestres e às feiras clandestinas de pássaros silvestres. Também há ações de educação ambiental em escolas, comunidades, colônias de pesca e associações de produtores rurais”.

Olha o bicho!

A área metropolitana

■ Conheça os tipos de animais silvestres mais comuns na Grande João Pessoa:

Teju
Timbu
Preguiça
Jabutí
Tartaruga marinha
Sagui
Iguana
Raposa
Guaxinim
Cotia
Cobras
Aves (diversas)
Insetos (diversos)

Fonte: Ibama-PB

de João Pessoa é repleta de verde. Somente o Centro da capital guarda o Jardim Botânico Benjamim Maranhão (JBBM), que abrange um espaço de 510 hectares de Mata Atlântica. Por isso, não é difícil moradores se depararem com saguis correndo nos fios de energia elétrica, ou saltando entre as árvores das ruas.

Espécies maiores como jacarés ou cobras também já apareceram repentinamente em alguns bairros da cidade. De acordo com Paula Almeida, o Cetas não faz resgate desses animais, mas pode orientar o cidadão de como proceder nestes casos. Quem precisar desse tipo de ajuda, basta ligar para o 3245-4901. “É muito importante que se evite resgatar o animal sozinho, pois ele se encontra em desvantagem, ferido ou acuado, e pode tentar atacar para se defender”, explicou a analista ambiental.

A população ainda pode ligar para o 190 (para fazer o resgate) ou procurar a Guarda Municipal.

Soltura

No Ibama-PB existe o projeto chamado Áreas de Soltura de Animais Silvestres (Asas). Através dele, uma equipe técnica analisa previamente as áreas de soltura dos animais cadastradas por Estado. Em geral, são áreas particulares e contam com recinto para Soltura Branda (soft-release). Atualmente, o Cetas-PB conta com sete áreas cadastradas. Caso o cidadão possua interesse em registrar sua propriedade como área de soltura, basta consultar o disposto na IN 23/2014 do Ibama e consultar os requisitos para cadastro, entrando posteriormente em contato pelo telefone 3245-4901 ou protocolando a documentação na superintendência do Ibama na Paraíba, localizada na Mata do Buraquinho.



Paula Galvão (ao centro, de crachá) e Maria Christina (foto ao lado): trabalho em defesa dos animais



Fotos: Divulgação

+ Criação de bichos só com licenças

Para se criar um animal silvestre longe da natureza sem que isso configure crime ambiental é preciso respeitar algumas regras importantes. É imprescindível ter as licenças dos órgãos ambientais e saber que nem todo animal silvestre pode viver em cativeiro. O “dono” do animal ainda deve disponibilizar local, alimentação e cuidados adequados para o tipo da espécie que vai adquirir.

Se alguém deseja ter um animal silvestre como bicho de estimação, a única possibilidade legal é comprando de criador autorizado pelo órgão ambiental competente e mediante nota fiscal. Qualquer outra forma de aquisição é considerada crime ambiental. Na Paraíba, uns dos órgãos ligados a este processo de aquisição e fiscalização de animais silvestres é o Ibama-PB e a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema).

A coordenadora de estudos ambientais da Sudema-PB, Maria Christina Vasconcelos, explica que os criadouros profissionais, conhecidos como empreendimentos de fauna, são licenciados pela superintendência. Já a gestão da coleção de animais, atualmente, está sob a responsabilidade do Ibama-PB. “Quanto à criação de animais silvestres em cativeiro, é necessário comprovar a origem legal, uma vez que animais retirados da natureza não podem ser regularizados, e isso se configura crime ambiental”, alertou.

É muito comum em João Pessoa o comércio de aves silvestres, porém, nem todos os pontos de venda são legalizados. Maria Christina destaca que, para serem incluídas no plantel, os passeriformes silvestres devem ter origem legal comprovada. Seus criadores precisam declarar o nascimento das aves nos criatórios devidamente cadastrados pelos órgãos ambientais e as aves devem ter as anilhas (anéis) de identificação.

“É importante frisar que passeriformes nativos silvestres retirados da natureza não poderão ser regularizados e tal ato configura crime ambiental, assim como aves já adultas, onde não há a possibilidade de anilhar, uma vez que as anilhas são colocadas quando a ave é filhote, nos primeiros dias de vida, para não causar nenhum desconforto ao animal”, declarou.

O criador amador que deseja atuar de forma legalizada tem de estar cadastrado no Sistema de Gestão de Passeriformes Silvestres (Sispass), para Criador Amador de Passeriformes Nativos. E para realizar o cadastro, o requerente deve inscrever-se no Cadastro Técnico Federal (CTF) do Ibama. Depois, ele vai solicitar o cadastro na Sudema-PB, por meio de requerimento e apresentação da documentação. “Após a finalização do cadastro, o Criador Amador fica apto para desenvolver a atividade pretendida e incluir suas aves no plantel”, salientou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Notas sobre o príncipe dos poetas repentistas

Se fosse na Rússia antiga, do tempo do comunismo, o poeta Manoel Xudu poderia ser condenado a trabalhos forçados por “parasitismo social” como aconteceu com Joseph Brodsky, Prêmio Nobel de Literatura. Ainda hoje existe o preconceito contra os poetas repentistas. O falatório rotula os poetas, que são vagabundos, que gostam de beber.

Na velha Itabaiana do Norte, Manoel Xudu armou sua tenda na feira, tocando viola para seus ouvintes fiéis. De repente chega um fiscal com feições pouco amigáveis.

--- O senhor tem autorização pra cantar nesta feira? Saiba que todo mundo aqui paga imposto pra trabalhar. Tem licença? Qual sua profissão?

--- Sou poeta.

--- Sim, eu sei, mas tem um trabalho regular?

--- Pensei que ser poeta era um trabalho regular.

--- Poeta não é profissão, e além do mais, quem disse que você é poeta?

--- Ninguém.

Diante da mesma pergunta de um juiz na Rússia dos bolcheviques, o poeta Joseph Brodsky respondeu:

--- Quem me incluiu na lista dos seres humanos?

Xudu se viu livre do fiscal, que saiu resmungando contrariado e não ouviu o verso do poeta:

Com meu canto desencanto de guerreiro

Vou seguindo esse meu rastro de palavra

Vou pregando no deserto, é minha lavra, Meu trabalho, minha sina e meu terreiro.

Graduado pela vida e licenciado em poesia, Manuel Xudu não tinha carteira as-

sinada nem era contribuinte do instituto de previdência, tanto que morreu na pindaíba. A poesia é assim um troço que obriga você a sair do óbvio. Xudu vivia de seus poemas e olhava o mundo através das nuvens da zinebra que ele bebia e chamava de Endorfina ou Encefalina. Uma espécie de cloroquina da época.

Não conheço pessoalmente o senhor Noé, amigo virtual que mora no Recife. Sei que é uma pessoa muito gentil, além de sensível, admirador de Manoel Xudu Sobrinho, um dos maiores poetas repentistas do planeta. Noé soube pela internet, onde tudo se sabe, que escrevi um livro sobre o poeta de São José dos Ramos. Telefonou pedindo o livro e oferecendo, em troca, alguns CDs preciosos com gravações do poeta cantando com monstros sagrados da cantoria, tipo Geraldo Amâncio, Zé Patriota, Lourival Batista e Sebastião Silva.

Ontem, recebi os CDs de Noé. Um gesto nobre do meu futuro leitor, apologista

da poesia popular, algo tão importante em nossa cultura. Para mim, é como receber um tesouro. Desde os tempos remotos, sou apreciador desse cantador de viola, morto precocemente. São raras as gravações do mestre Xudu. Tenho uma fita cassete com uma cantoria “pé de parede” envolvendo Manoel Xudu e Ivanildo Vila Nova, mas falta grana para mandar remasterizar o material em um estúdio. Um dia irei realizar essa tarefa e o primeiro a receber o produto será meu compadre Noé, em consideração. O grande encontro desses dois grandiosos criadores na difícil arte de versejar ao som da viola é realmente um material muito precioso à espera de uma parceria que concretize o produto final, um CD tecnicamente apresentável, digno desses artistas. Por enquanto, é coisa restrita a um só privilegiado, que sou eu.

Ouvir poesia de Xudu pode contribuir poderosamente para reduzir suas neuroses, acredite! Recomendo na quarentena.

Diagnóstico tardio dificulta tratamento contra a asma

Doença atinge 20 milhões de brasileiros, entre crianças e adultos, e é sério complicador para quem contrai coronavírus

Ludmila Honorato
Agência Estado

A asma é uma doença crônica das vias aéreas que, estima-se, acomete 20 milhões de brasileiros, entre crianças e adultos.

É também um sério complicador para quem contrai o coronavírus, muito mais pela semelhança dos sintomas, do que pelo risco de agravamento do quadro.

Mesmo assim, a recomendação médica é que os pacientes com asma já diagnosticada mantenham a medicação e, em nenhuma hipótese, deixem ou alterem a dosagem dos remédios sem orientação do médico.

Diagnóstico

Dos cerca de 20 milhões de brasileiros acometidos por asma, de 1% a 2% são pessoas que apresentam o nível grave e entre 5% e 10% têm um tratamento difícil que vai precisar de um centro de referência para acompanhamento. A situação poderia ser diferente caso o diagnóstico fosse precoce, mas, entre o início dos sintomas e a descoberta da enfermidade, são quatro anos de jornada, em média.

A estimativa é da pesquisa inédita A Voz do Paciente, feita pela Ipsos a pedido da Casa Hunter, que englobou 200 pessoas com asma grave, entre 4 e 64 anos de idade, de todas as regiões do Brasil. Pai ou mãe dos menores de idade e dos jovens de 18 a 23 anos responderam pelos filhos.

Crises

Os resultados mostram que os adultos levam, em média, quatro anos entre os primeiros sintomas e o diagnóstico de asma enquanto as crianças demoram um ano. Ambos os grupos chegam a ter, em média, sete crises no período. A doença é caracterizada por chiado no peito, falta de ar ou dificuldade para respirar, sensação de aperto no peito e tosse.

Do total de entrevistados, 69% buscou atendimento médico no pronto socorro ao sentir os primeiros sinais, onde recebeu encaminhamento para um especialista. E embora apenas 7% não tenha buscado qualquer atendimento de início, 86% deles procuraram somente quando os sintomas pioraram.

O pneumologista Alvaro Cruz, diretor executivo da Fundação ProAr, em Salvador, diz que a asma não começa grave. Por isso, seria fundamental ter um diagnóstico precoce para evitar a piora da doença. "Normalmente, começa mais leve e vêm as crises (exacerbações). De crise em crise, a tendência é ir agravando progressivamente", explica. "Tudo o que se deve fazer é prevenir uma crise, que tem risco à vida."

Quais são os sintomas?

- Tosse seca
- Chiado no peito
- Dificuldade para respirar
- Respiração rápida e curta
- Desconforto torácico
- Ansiedade

Os sintomas pioram à noite e nas primeiras horas da manhã ou em resposta à prática de exercícios físicos, à exposição a alérgenos, à poluição ambiental e a mudanças climáticas.



Falta de informação e direcionamento prejudicam paciente

Raissa Cipriano, presidente da Associação Brasileira de Asma Grave, tem uma filha de sete anos diagnosticada com asma grave. A menina nasceu saudável, mas logo nos primeiros meses de vida deu sinais do que se conhece por 'bebê chiador'. A síndrome é caracterizada por um contínuo chiado no peito, mas na época a mãe não entendia bem o que isso significava. Ainda nessa fase, a pequena Giovanna teve crises virais, sendo que o chiado durou até os dois anos.

Os anos sem um diagnóstico provocaram alta sensibilidade no pulmão de Giovanna, até que ela teve uma crise grave

após contrair um adenovírus.

Na maioria dos casos, a infecção viral causa sintomas leves, mas como a garota já tinha as vias respiratórias debilitadas, a reação foi mais grave. Dos 31 dias que precisou ficar internada em uma unidade de terapia intensiva (UTI), sete foram com entubação. Foi nesse momento que as duas tiveram o primeiro contato com um pneumologista e receberam o diagnóstico de asma.

A falta de informação e o direcionamento tardio para um especialista são alguns dos fatores apontados por Raissa para a demora em atestar a doença na filha. A hospitalização trouxe

mais agravos ao pulmão da menina, que desenvolveu fibrose e, dois anos e meio após a crise, ainda sofria com baixa oxigenação crônica.

O pneumologista do ProAr explica que o diagnóstico de asma em crianças abaixo dos cinco anos é muito difícil mesmo, principalmente porque é complicado realizar com elas o exame que mede o volume e o fluxo de ar nos pulmões. Para isso, é preciso assoprar em um aparelho. "Mas não é impossível, pode fazer o diagnóstico com outros critérios", afirma. Episódios de chiado no peito que não se repetem podem descartar asma nas primeiras

vezes, mas se for frequente e acompanhado de falta de ar, o alerta é acionado.

Alvaro Cruz diz que um grande problema para a demora no diagnóstico é que o profissional de saúde que atende emergência no pronto socorro geralmente não recomenda que se procure um especialista ou outro médico para fazer acompanhamento. E mesmo que a indicação seja feita, nem sempre o paciente procura, ou porque acha que não é importante, visto que os sintomas ainda são leves, ou porque não tem acesso, o que é mais frequente no sistema público de saúde.

Os impactos na vida social durante fase grave da doença

Além do diagnóstico tardio, que vai levar a um sofrimento prolongado com sintomas e crises de asma, 14% das pessoas que responderam à pesquisa disseram que a doença interfere totalmente no convívio social enquanto 58% afirmaram que interfere em nada. Mas 52% delas deixaram de fazer atividade física e 23% deixou de trabalhar por causa da enfermidade.

A Giovanna, filha da Rais-

sa, teve parte da infância comprometida porque, com os agravos no pulmão, a baixa oxigenação a impedia de brincar, correr e até mesmo rir ou caminhar de um cômodo a outro da casa era desgastante. Nessa fase, a mãe descobriu que outras medidas faziam parte do tratamento além das medicações, como eliminar fontes alérgicas dentro de casa, porque qualquer irritação pulmonar poderia

desencadear uma crise. Evitar cortinas, pelúcias e trocar fronhas e lençóis com mais frequência passaram a ser rotina.

Vida normal

Alvaro Cruz afirma que, com esses cuidados e medicamento adequado, é possível viver normalmente na maioria dos casos, desde que haja também um acompanhamento de um especialista

em quadros graves de asma. De modo geral, a doença traz uma hipersensibilidade das vias aéreas e qualquer coisa pode desencadear sintomas.

"Falta de capacidade de fazer atividade física, caminhar, subir ladeira para ir ao trabalho... A pessoa pode ter limitações decorrentes da asma", diz o médico. Mas ele reforça que, com tratamento adequado, é possível tolerar essas 'barreiras'.

Corais: UFPB fará pesquisa

Estudo será específico para ambientes recifais na PB

Márcia Dementshuk
Especial para A União

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) estrutura uma linha de pesquisa específica para ambientes recifais na Paraíba com o objetivo de fortalecer os estudos nessa área e integrá-los à rede de pesquisa nos estados nordestinos. A decisão reflete a prioridade para “um dos mais produtivos e biodiversificados ecossistemas do planeta”, como coloca a pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba, Cristiane Sassi.

“Sua elevada biodiversidade e produtividade é comparável à das florestas chuvosas tropicais”, complementa Sassi. O professor Ricardo Rosa, também da UFPB, afirma que no Brasil mais de um terço dos peixes marinhos vivem nos recifes de corais. Na Paraíba, estudos apontam a existência de cerca de 600 espécies de peixes recifais.

E essa riqueza passa por ameaças que vêm do aquecimento global, da poluição marinha, da pesca excessiva e do turismo destrutivo. Em março deste ano foi detectado um branqueamento massivo dos corais em toda a costa brasileira e em outras partes do mundo, o que pode levá-los à morte. Consequência do aumento da temperatura oceânica, entre outros fatores.

Os corais são objeto de pesquisa há décadas na Paraíba. Contudo, as pesquisas são desenvolvidas em projetos individuais por pesquisadores que carecem de recursos para melhores condições de trabalho.

Atento a essa temática, o presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa na Paraíba (Fapesq-PB), Roberto Germano, iniciou uma articulação institucional para fortalecer o esforço de pesquisa em corais no Estado da Paraíba. Em conversa com pesquisadores da área e com o coordenador do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPB, Reinaldo



Fotos: Christine Eloy

Os recifes de corais são um dos mais produtivos ecossistemas do planeta

de Lucena, chegou-se à conclusão da necessidade de se construir uma linha de pesquisa voltada para ambientes recifais.

Para o coordenador do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFPB), Reinaldo de Lucena, é necessária a articulação dos professores para efetivar parcerias e trabalhar em rede: “Para fortalecer essa área dos ambientes recifais na Paraíba faremos, em julho, o credenciamento para a pós-graduação de novos professores com perfil específico nesses ambientes”. O Prodema tem três grandes áreas de concentração. Essa nova linha entrará na grande área “Relações Sociedade-Natureza e Sustentabilidade”, a qual engloba os ambientes recifais.

Reinaldo de Lucena informa ainda que o edital de seleção para o mestrado e doutorado do Prodema, que será aberto no segundo semestre, terá vagas específicas para discentes atuarem com projetos com foco em ambientes recifais. Deverão ser credenciados entre dois e três professores, o que abrirá até dez vagas para

projetos de mestrado e doutorado nessa linha. Neste ano de 2020 serão finalizadas as etapas de estruturação institucional da linha de pesquisa e seleção de docentes e discentes e em 2021 os trabalhos de pesquisa terá início.

Esse projeto ganhará amplitude ao integrar-se em rede com pesquisas de outras instituições de ensino superior (IES) do Nordeste. O Prodema integra uma rede de pesquisa que reúne oito IES públicas nordestinas de quase todos os estados da região, para oferta de cursos em nível de mestrado e doutorado. Os programas membro desta rede compartilham parte da estrutura curricular, desenvolvendo atividades acadêmicas conjuntas. Dessa forma, é viável a construção de um projeto em rede convidando outros parceiros para conectar as pesquisas desenvolvidas e obter um resultado mais amplo. Roberto Germano, da Fapesq, afirmou que está articulando uma linha de apoio entre as Fundações de Amparo à Pesquisa dos estados do Nordeste para formação de linhas de fomento de modo a incentivar estudos na costa nordestina.



Os corais passam por ameaças que vêm do aquecimento global, poluição marinha, pesca excessiva e do turismo destrutivo

A indústria

transforma matéria prima em **produto**, e por isso facilita nossas vidas, **contribui** com a economia, gera empregos e constrói um **estado e um país melhor.**

A EPC parabeniza todos os profissionais da indústria que tem como principal missão a transformação.



25 DE MAIO
DIA DA INDÚSTRIA



Foto: Arquivo

Foto: Arquivo do Jornal A União

Brasilidade traduzida para o palco

Dramaturgo paraibano Paulo Pontes articulou teatro, resistência e identidade, deixando legado para várias gerações

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesip@gmail.com

Se Paulo Pontes estivesse vivo, completaria 80 anos em novembro deste ano. Porém, a ausência do plano físico não apagou a obra deixada por ele e tampouco diminuiu sua importância e representatividade no cenário cultural paraibano e nacional. Trabalhos realizados em parceria com artistas consagrados como Oduvaldo Vianna e Chico Buarque, enriqueceram a trajetória do homem que brilhou como dramaturgo, cineasta, ator, escritor e que – por obra do destino – faleceu precocemente, em 1976, aos 36 anos de idade, perdendo a batalha contra um câncer.

Entre seus inúmeros trabalhos, Paulo Pontes, que foi marido da atriz Bibi Ferreira, chegou a ser um dos roteiristas da série televisiva “A grande família”, dirigida por Milton Gonçalves, na Rede Globo, na década de 1970. O ator e dramaturgo paraibano foi ainda colaborador do Jornal A União e chegou a atuar como radialista, na produção de programas da Rádio Tabajara, entre eles, “O Rodízio”.

Paulo Pontes enveredou pelos caminhos do teatro em plena época da ditadura militar, e sua

primeira experiência como dramaturgo no teatro profissional foi o show “Opinião”, com texto elaborado em parceria com Oduvaldo Vianna Filho e Armando Costa, em 1964. As informações compõem a tese de doutorado “Teatro e engajamento político: a dramaturgia de Paulo Pontes”, da pesquisadora Maira Mariano, da Universidade de São Paulo (USP).

A peça foi um sucesso e, a partir de então, o paraibano de Campina Grande foi reconhecido nacionalmente, começando pelo Rio de Janeiro. Esse trabalho resultou, inclusive, na formação do grupo Opinião e, a partir de então, Paulo Pontes ganhou experiência, atuando como roteirista e produtor. Um dos trabalhos de destaque foi o espetáculo musical “Parai-bê-a-bá”, que tinha forte vínculo com o popular. A obra “Gota D’Água”, de 1975, alavancou a carreira em nível nacional, passando pela comédia de costumes e revista, o teatro épico.

Junto com outros artistas de teatro que tinham engajamento político, recebeu críticas por apostar no projeto nacional-popular. Conforme Maira Mariano, em sua tese, ele era um intelectual de esquerda e trabalhava na televisão, acreditando ter a função de democratizar a informação.



Paulo Pontes (foto) alavancou sua carreira nacional com a obra “Gota D’Água”, de 1975, escrita em parceria com Chico Buarque



Foto: Roberto Guedes



Foto: Ortilo Anônio

A atriz Zezita Matos e o ator Luiz Carlos Vasconcelos conheceram Paulo Pontes

“Orgulho para todos nós”

“Uma das maiores frustrações minhas é não ter trabalhado no ‘Parai-bê-a-bá’, não lembro porque não fiquei no elenco. Foi um espetáculo belíssimo que andou o Brasil”. O depoimento é da atriz Zezita Matos, um dos grandes nomes no cenário artístico nacional, que conheceu Paulo Pontes no início dos anos 60, quando entrou no teatro, e fez, inclusive, um espetáculo com Ipojuca Pontes, irmão de PP, como Paulo Pontes era carinhosamente chamado. Na época, ele morava no bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa.

“Ele tinha uma relação grande com o teatro popular de artes, onde eu atuava. Depois, foi para o Rio de Janeiro e lá, realmente, teve uma carreira ascendente. Paulo é um dos maiores dramaturgos. É um nome que não pode ser esquecido. Poucos sabem que trabalhou na União, na Tabajara. O jornal está de parabéns, resgatando a história do homem que conseguiu ter o nome reconhecido nacionalmente”, destacou Zezita.

O ator Luiz Carlos Vasconcelos também teve a oportunidade de conhecer pessoalmente o dramaturgo. “Eu era recém-chegado em João Pessoa, em 1969, e ecoava forte ainda no movimento teatral – que eu acompa-

nhava de longe, ainda não tinha envolvimento – a importância de ‘Parai-bê-a-bá’. E, como se falava desse texto, como foi importante lê-lo, a sagacidade, a maneira com que ele discutia a Paraíba naquele momento”, relatou.

Luiz Carlos também lembrou de uma oficina que fez com o gênio paraibano do teatro. “Depois, já fazendo teatro, tive a oportunidade de, num Festival de Artes de Areia, fazer uma oficina com ele, já na fase final da vida dele. Lembro que ele tomava na boca da garrafinha de leite de magnésia. Ele dava aula, devia estar sentindo algo, porque o problema dele era no estômago, uma espécie de azia, e ficava tomando aquilo para aliviar”, comentou. “Foi muito bacana esse contato”, acrescentou.

Sobre a importância de Paulo Pontes para o cenário da dramaturgia nacional, Luís Carlos Vasconcelos ressaltou que ele tinha um talento especial para a área. “Paulo é de uma importância para a dramaturgia brasileira, de um modo geral, e para nós, paraibanos. É aquele exemplo, aquele brilho especial, tão jovem e já produzindo textos instigantes como o ‘Parai-bê-a-bá’. Ele é um inspirador, vai ser sempre um motivo de alegria, de orgulho para todos nós”, destacou.

Defesa da expressão popular

Paulo Pontes foi um dos dramaturgos que soube traduzir para o palco a vida do povo brasileiro de forma perene, conectando-a à vida humana universal. A ele juntam-se baluartes da dramaturgia paraibana como Orris Soares, Ariano Suassuna, Lourdes Ramalho, W. J. Solha, Paulo Vieira, Tarcísio Pereira, Altimar Pimentel, José Bezerra Filho, Geraldo Jorge. A observação é de Everaldo Vasconcelos, coordenador do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Para Everaldo Vasconcelos, a tragédia “Gota d’Água” é uma das obras-primas do teatro universal, mas o destaque é para o texto “Paraíba-bê-a-bá”, que faz um apanhado histórico, cultural, político e econômico, levantando o véu sobre o homem paraibano. “Paulo Pontes foi um homem que amou o teatro, que decidiu que valia a pena seguir este difícil caminho artístico”, acrescentou.

Falar pra o público entender

O professor aposentado Paulo Vieira não conheceu Paulo Pontes, mas sabe muito sobre o xará, que foi, inclusive, tema de sua dissertação de mestrado, intitulada “A arte das coisas sabidas”, em 1989. “Ele ocupou, na década de 70, um lugar chave não apenas no teatro, na dramaturgia, mas no pensamento político-cultural brasileiro. Não foi apenas um grande artista, mas um articulador da cultura como resistência e identidade. Atualmente, fala-se pouco ou nada do Paulo Pontes. Muitos nem conhecem. Tem o teatro com seu nome no Espaço Cultural, mas as pessoas não relacionam. Há uma ignorância em torno disso”, lamentou.

Sobre a herança deixada por PP, ele teceu elogios. “Eu acho que ele deixa, basicamente, o legado de luta pela expressão popular, o popular como característica de brasilidade. “Gota d’Água” foi a última obra dele, que passou a vida inteira lutando pelo teatro, que vivia uma experiência para o individualismo. Paulo Pontes dizia que o que importa é falar para o público. Se você fala o que o público entende e quer, o público vai para o teatro”, sublinhou.

Vieira ressaltou, porém, que falta zelo com as pratas da terra. “Eu acho que a Paraíba deveria ter mais cuidado com seus grandes artistas no sentido de que, se nós não lembrarmos do nome de Paulo Pontes, não é em outro lugar que esse nome será lembrado. A prova é que não se fala dele, apesar da importância enorme que ele teve no teatro do Rio de Janeiro, e lá ele foi de uma importância tremenda, estética, cultural, econômica, política”, concluiu.

Profissão “esperança”

O nome completo de Paulo Pontes era Vicente de Paulo Holanda Pontes. Ele nasceu em 8 de novembro de 1940 e faleceu em 1976. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1964. Ganhou prêmios com a peça “Gota d’Água” e ainda com “Um edifício chamado 200” e “Check-up”. O show “Brasileiro, profissão esperança” rendeu teatros lotados. Na luta pelo teatro, organizou palestras, lutou pela profissão de artista, buscou incentivos e empenhou-se na organização de um projeto nacional popular de cultura, conforme defende a tese de doutorado “Teatro e engajamento político: a dramaturgia de Paulo Pontes”, da pesquisadora Maira Mariano, da USP.

Veja abaixo alguns trabalhos de destaque de Paulo Pontes:

■ 1968 – Estreou, no Teatro Nacional de Comédia, no Rio de Janeiro, e no Teatro Santa Rosa, em João Pessoa, a obra **“Parai-bê-a-bá”**, escrita em 1967, que tinha à frente do elenco Ednaldo do Egypto.

■ 1969 - Escreveu e estreou o show **“Brasileiro, profissão esperança”**, inspirado na vida, nos textos e na música de Antonio Maria e Dolores Duran. O show foi dirigido por Bibi Ferreira, com quem Paulo Pontes se casou.

■ 1971 – Escreveu **“Um edifício chamado 200”**. O título dessa peça era inicialmente “Barata Ribeiro 200”. Mas, por pressão dos moradores do condomínio e da censura federal, Paulo mudou o título.

■ 1972 – Escreveu **“Check-up”**.

■ 1975 - Escreveu o show **“Opinião 75”**. No mesmo ano, estreou **“Gota D’Água”**, escrito em parceria com Chico Buarque, Bibi Ferreira, Oswaldo Loureiro, Luiz Linhares, Roberto Bonfim estavam nos papéis principais. A direção musical foi de Dory Caymmi e direção geral de Gianni Ratto.

Fonte: Paulo Vieira, dissertação de mestrado “A arte das coisas sabidas”, 1989.

Em 31 de janeiro de 1976, meses antes da sua morte, Paulo Pontes concedeu entrevista exclusiva ao Jornal A União



Jornal A União anuncia o falecimento do dramaturgo, que também já foi colaborador deste diário



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante, em João Pessoa, e tem Especialização na Le Scoledicucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Fotos: Edgar-Castrejon/Unsplash

Se vira nos 30

Em meio a todo esse furacão provocado pelo coronavírus e suas muitas dificuldades econômicas, o setor de gastronomia com toda certeza está sendo um dos mais afetados.

Sem dinheiro em caixa, essa linha de trabalho em prazo muito curto, de no mínimo 10 a 15 dias, é muito fácil de ser levado à falência geral, por se tratar de um comércio de compras de produtos perecíveis e ter que girar rápido nesta época de poucas vendas.

E como em qualquer outro lugar do mundo, o Brasil não seria diferente. É preciso os empresários se unirem e buscarem forças para pressionar o Governo Federal para angariar recursos exclusivos para o setor, pois antes do

meço da pandemia tinha uma média de 5 milhões de pessoas empregadas na área.

Além de tudo isso, existe uma série de fornecedores que dependem da classe de gastronomia como o açougue, a peixaria, os vendedores de hortifruti, temperos e muito mais.

Mesmo sabendo que no Brasil essa classe não é muito unida, alguns chefs de cozinha querem tentar fazer e tirar como exemplo o que foi feito em outros países. Criar grupos de WhatsApp de chefs com uma boa rede social, para conteúdos e burburinhos para gerar ações de cobranças ao poder público federal, como suspensão de tributos, facilidade de créditos e outras formas de manter o negócio em vida.

O efeito veio, mas não é aquilo que se imaginava. São linhas de créditos que não abrangem qualquer empresa, e mesmo as que existem têm muita burocracia, por exemplo uma delas é direto com bancos e tem que existir algo em troca como uma garantia.

Então a minha dica é: não esperar por este governo que está no comando atual do país.

Para que não perca o que já comprou e queira continuar, vamos ter que reinventar, fazer aquilo que você esperava da comida da mamãe, ou mesmo da casa da vovó. Crie pratos simples como uma galinhada, strogonoff, arroz cremoso de vários sabores, macarrões... faça a comida que você imaginaria que seu cliente pudesse comprar, comer imaginando e até matando a saudade na lembrança de sua comida.

O que não falta é criatividade para quem sabe cozinhar, o importante é terminar o final do mês e pagar o que de fixo existe no comércio. Se a conta fechar, já está valendo fazer o trabalho e saber que logo, logo tudo isso vai passar.

O que estamos vivendo hoje é hora de união, entre os grandes restaurantes com os pequenos, e os chefs de cozinha também se unirem pela classe. Não importa se o prato está sendo servido em uma quentinha ou em uma marmita, o importante é que juntos somos mais fortes, nós podemos sair dessa melhores do que entramos.



O risoto é um prato típico italiano em que se fritam levemente as cebolas e o arbóreo, ou o arroz em manteiga, e se vai gradualmente deitando fundo de carne ou legumes e outros ingredientes, até o arroz estar cozido e não poder absorver mais líquido.

Risotto, que significa literalmente arrozinho, é um prato típico da região do norte da Itália, mais especificamente ele provém da Lombardia. O risoto data do século XI quando a Sicília era dominada pelos Sarracenos e esses trouxeram o grão usado para a preparação do risoto.

QUENTINHAS

- Tive a oportunidade de provar algumas delícias do Bob Massas, uma culinária com uma pegada italiana, mas com um toque pessoal e um sabor delicioso. E junto com um dos pratos pedidos veio um purê de batata com super sabor bem diferente que o chef Felipe Souza não revela a ninguém. O que posso dizer que é muito massa. Seu Instagram @bobmassas e telefone: 98784-1091

- Acho que todos devem já ter provado um vatapá! Mas o Vatapá o Saboroso esse é diferente. Um vatapá de frango e outro de camarão. Te digo uma coisa, foge de tudo que você pode imaginar de tempero forte baiano, pois é muito suave e leve. Seu Instagram @vatapa_o_saboroso e seu telefone: 99840-4367

- Sara Cake Artesanal é uma padeira de mão cheia, provei alguns de seus pães artesanais, e como já morei na Europa posso te falar que o sabor de seus produtos é perfeito e de muita qualidade profissional. Além de serem produtos sem adição de conservantes artificiais. A fermentação de seus produtos é de 24h. Confira o Instagram @sara_cak e lá você pode montar sua cesta, ou mesmo escolher seus produtos. Seu telefone: 98893-9498

- Em meio à pandemia, a VerdNova Hortifruti, uma empresa que vendia na Empasa e que fazia entrega a muitos restaurantes que tiveram que fechar as portas ou diminuiram suas compras, teve uma nova sacada de negócio. Agora atente a consumidores finais nas suas residências. São todos produtos de primeira qualidade. Seu Instagram @verdnova e telefone: 98880-6659

PRATO DO DIA

Picanha de cordeiro com risoto de queijo de coalho

Ingredientes

Carne:

- 50ml de manteiga da terra
- 2 peças de picanha de cordeiro
- 2 ramos de alecrim picado
- Sal
- Pimenta do reino moída na hora

Risoto:

- 2 xícaras (chá) de arroz arbóreo
- 1 cebola média picada
- 2 colheres de sopa de manteiga
- 500ml de caldo de legumes
- 60ml de cachaça
- 150g de queijo coalho ralado
- 2 colheres de sopa de manteiga
- Sal
- Pimenta do reino moída na hora

Modo de preparo

Carne:

Tempere as carnes com sal e pimenta do reino. Numa frigideira coloque

metade da manteiga e um pouco do alecrim e deixe esquentar. Quando estiver quente coloque as carnes com a gordura virada para baixo e deixe grelhar até ela ficar dourada. Vire as carnes e deixe por alguns minutos até ficar com uma crosta levemente dourada. Retire do fogo e reserve. Fatie as carnes, coloque um pouco mais de sal e pimenta do reino na parte crua. Na mesma frigideira, coloque o restante da manteiga e o restante do alecrim. Coloque as fatias e deixe-as grelhar até o ponto desejado. Retire do fogo e coloque a carne na metade de um prato. Finalize com geleia de menta por cima da carne.

Risoto:

Refogue a cebola no azeite até ficar transparente. Acrescente o arroz e refogue. Coloque uma pitada de sal, a cachaça e mexa até evaporar. Em seguida, adicione o caldo de legumes aos poucos e deixe cozinhar até ficar al dente, mexendo sempre em fogo médio. Quando estiver quase no ponto desejado, acrescente o queijo e acerte o sal. Retire do fogo e finalize com 2 colheres de sopa de manteiga e mexa até derreter. Disponha no prato ao lado das carnes grelhadas.



Foto: Arquivo Pessoal

Conhecimento que salva vidas e impulsiona a evolução das civilizações



Alexsandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Ciência. Fruto da inquietude do homem, caracteriza-se pela aplicação do conhecimento sobre os mais variados aspectos da vida, sobre todas as coisas, materiais ou imateriais. Ao longo da história várias teorias foram comprovadas, revisadas e posteriormente reafirmadas ou descartadas para dar espaço ao novo. Sim, porque com a evolução dos tempos, as descobertas científicas também se aperfeiçoaram e, como resultante e fonte de saber, ela está em constante movimento. No campo científico não há espaço para a estagnação, mas para discussão, pesquisa, investigação, constatação, renovação e raciocínio sistêmico.

As “novidades” trazidas pelos cientistas, porém, nem sempre agradaram a todos, uma vez que as mudanças trazem consigo vozes discordantes. Ao longo das civilizações, a ciência já foi repudiada, mas também foi aplaudida. Na atualidade, é sinônimo de esperança para a descoberta da cura ou tratamento eficaz contra o novo coronavírus. Na verdade, o que todos devem se perguntar antes de qualquer pré-julgamento é: o que seria do mundo se não existisse a ciência?

Por isso o caminho é tentar pensar qual a relevância dos vários vieses científicos para o bem-estar do homem e do universo que o cerca.

Mistérios da vida

Um dos grandes mistérios da

vida foi tentar entender o surgimento do universo, a criação das espécies animais e vegetais, a relação da vida com o cosmo. O interesse por essas questões foi despertado bem cedo na consciência do ser humano. A mestre em Ciências Biológicas Tarsila Almeida Cavalcanti afirma que as ciências da natureza, segundo registros históricos, remontam da Grécia Antiga e englobam as áreas do conhecimento relacionadas à física, química, biologia, geociências, dentre outros aspectos do saber relacionados a essas disciplinas.

Estão nas ciências naturais a compreensão dos mais diversos fenômenos relacionados à própria natureza. “No campo da física, por exemplo, busca-se a compreensão da origem do universo e das leis que o regem, como a lei da gravidade”, citou Tarsila. Já na biologia, entre as várias áreas de estudo, é possível buscar o entendimento da origem da vida, dos seres vivos. E, numa perspectiva biológica inclui-se aqui o próprio homem – bem como as interações entre os seres vivos e o meio em que vive.

“Hoje, as ciências da natureza permeiam a existência do ser humano. Ela está, por exemplo, na construção da casa em que vivemos, no automóvel que usamos para nos locomover, na energia que utilizamos para carregar um celular ou para manter uma geladeira em funcionamento”, destacou a bióloga. Ao refletir sobre a importância das ciências da natureza, Tarsila Cavalcanti destaca que pensar na inexistência

dessa área do conhecimento é imaginar um mundo sem veículos automotivos, prédios, medicamentos e muitos outros elementos essenciais no dia a dia da população.

Às vezes parece difícil associar as ciências naturais a algo tão artificial como um meio de transporte, mas a bióloga esclarece que os conhecimentos entre as diversas áreas científicas são compartilhados, eles se comunicam uns com os outros para alcançar determinado produto ou objetivo. “A fabricação de automóveis depende da física para a montagem da sua estrutura, e da química para a escolha dos componentes que comporão essa estrutura (metais, plástico etc.)”, explicou.

Na área da saúde, Tarsila Cavalcanti destaca os medicamentos. A formulação desses produtos depende de uma sequência de estudos científicos que vão desde a identificação de uma planta, passando pelo isolamento de algum componente dessa espécie vegetal que demonstre ação contra determinado agente causador de uma doença. O processo ainda segue uma série de experimentos para a formulação do produto final, até que se torne apto para ser comercializado.

“Do mesmo modo, as vacinas dependem do desenvolvimento de pesquisas na área das ciências naturais, pois o primeiro passo é a identificação do vírus causador da doença e a compreensão de como ele age. São simples exemplos do nosso dia a dia que demonstram que é impossível pensar num mundo sem a ciência”, concluiu.

Passado descrito, presente explicado e as previsões

“As ciências exatas são aplicadas em todas as áreas do conhecimento que pode ser expresso por número, com o intuito de descrever o passado, explicar o presente e fazer previsões sobre o futuro”. Foi dessa forma, que o chefe de Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o doutor em Economia Paulo Amilton Maia Leite Filho, explicou o emprego das ciências exatas.

Segundo ele, ela se comunica com todas as outras ciências, serve de base e linguagem para as outras áreas. Sua aplicação, continua, permite estabelecer as relações de causalidade-intensidade entre fenômenos variados que ajudam a entender melhor a vida humana e a sua interação com as leis da natureza. “Imagine o que seria da humanidade sem uma previsão mais acurada das

condições meteorológicas e climáticas?”, questionou o professor, que atualmente realiza pesquisa sobre o uso de microdados na tomada de decisão empresarial na UFPB.

O economista salienta que neste momento de pandemia, o conhecimento baseado nas ciências exatas está sendo utilizado para previsões de taxas de contaminação e letalidade em cenários de isolamento social. Está ajudando a fazer previsões das condições econômicas futuras no cenário de quarentena, contribuindo para tomada de decisões das lideranças políticas.

Quando posta em prática, essa ciência pode estar presente em situações básicas do cotidiano, como no desenvolvimento de remédios e tratamentos na medicina. Outro uso é no enfrentamento de fenômenos climá-

ticos severos, ao fazer previsões das condições de temperatura, ajudando na agricultura. A área das exatas ainda contribui no desenvolvimento de instrumentos de comunicação que tornam a vida humana mais fácil.

Esses são apenas alguns exemplos onde essa ciência está presente. Ela traz segurança ao homem de como enfrentar os desafios. Através dos cálculos e previsões é possível recriar situações que estão por vir, trazendo mais “luz” ao futuro. “Os homens das cavernas viviam nelas porque não sabiam o que encontrar lá fora. Sem as ciências exatas a vida humana seria muito mais difícil. Imaginem a humanidade neste momento de pandemia sem a utilização de modelos estatísticos e matemáticos da covid-19? O custo em vidas humanas seria muito maior”.



As relações humanas na análise de fenômenos sociais

Um estudo considerado mais flexível na forma de observar e tratar, mas não menos sério e profundo quanto aos seus objetivos e análises. Diferentemente do que ocorre com as ciências ditas “duras”, as ciências sociais são um conjunto de disciplinas que têm em comum o estudo do social humano, das interações sociais entre indivíduos, os grupos e seus ambientes.

Para pensar sobre a importância desse campo do conhecimento, a doutora em Sociologia Jeane de Freitas Azevedo, professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), afirma que é preciso questionar: será que o mundo e as sociedades humanas podem ser compreendidos sem as ciências que se propõem a analisá-las? Uma outra pergunta levantada pela professora é: será que a ação pública – que busca gerir, proteger e guiar as ações dos indivíduos e das sociedades – poderia ser feita sem mobilizar instrumentos científicos específicos para compreender fenômenos sociais?

Para ela, essas indagações são chave para compreender a que se propõe as ciências sociais. “Quando as fazemos, somos capazes de perceber que as comunidades humanas só podem ser geridas com base em conhecimentos e dados nos campos socioeconômicos e culturais, fornecidos por pesquisas em ciências humanas e sociais”. Jeane Azevedo explica que as sociedades contemporâneas são cada vez mais extensas e vivem em ambientes cada vez mais complexos, interconectados e em rápida mudança. Essas características provocam diferenciação e segmentação da população, desfazendo e refazendo novas formas de vínculos sociais.

Em muitos aspectos, é difícil para os atores sociais (cidadãos, grupos sociais, estado, empresas etc.) se adaptarem a essa situação. Então, para implementar políticas públicas eficazes, os gestores contam com pesquisas em ciências sociais, que geram uma sólida base de conhecimentos nos campos socioeconômicos e culturais. “Com suas próprias ferramentas teóricas, metodológicas e práticas, elas são capazes de ajudar as sociedades a entenderem os desafios que se impõem e definir as políticas necessárias para enfrentá-los”, destacou.

Para exemplificar como essa ciência é empregada, a socióloga ressalta que basta considerar os problemas da educação no Brasil. Ela conta que encontra-se no cerne das discussões atuais sobre educação a necessidade de se implementar políticas educacionais para o combate à evasão escolar. “Para isso, é preciso oferecer aos estudantes condições para ultrapassarem fronteiras sociais (de gênero, de classe, de etnia etc.) que impossibilitem a continuidade nos estudos. Mas como fazer isto? Como as escolas devem enfrentar esse tipo de problema?”, completou.

Segundo ela, como as sociedades são dinâmicas, é preciso um esforço para compreender esse fenômeno no tempo e no espaço, estudando as características da época e local onde ocorre, mas também fazendo uma relação com outras sociedades e épocas onde ele aparece. No exemplo citado, as ciências sociais buscam compreender as características dos atores envolvidos (professores, alunos, diretores etc.), as particularidades de um cenário que influenciam o aparecimento do fenômeno, as relações de força em que os diferentes atores sociais exercem uns com os outros, e buscar identificar o que é estrutural do que é conjuntural.

Independentemente do objeto de estudo que se debruce, ela afirma que o estudo das ciências sociais “é fundamental para orientar o crescimento econômico, humano e sustentável de qualquer país. As pesquisas nessa área permitem dar pistas para uma distribuição mais equilibrada de bens e serviços entre a população, além de melhorar o funcionamento da administração pública”.

A professora vai mais além e salienta que todas as áreas do saber se complementam, trabalham conjuntamente e são essenciais para a tomada de decisões dos líderes das nações. “Precisamos de todas as ciências para ajudar gestores a desenvolver políticas públicas e estratégias macroeconômicas para a melhoria dos governos dos países”.

A socióloga afirma que muitas vezes as ciências sociais não recebem a devida valorização. “Por um lado, elas são acusadas de pouca utilidade e que deveriam ser substituídas por outras mais ‘lucrativas’. Por outro, são consideradas subversivas, por sua própria pretensão de oferecer explicações que destoam da lógica do mercado”. Lamentavelmente, essa situação ocorre no Brasil e em sociedades onde os déficits de cidadania são “assombrosos” e a educação vem cada vez mais sendo integrada à lógica do lucro.

Foto: Arquivo pessoal



///É impossível pensar num mundo sem a ciência ///

Tarsila Almeida Cavalcanti

Foto: Arquivo pessoal



///Sem ciência a vida humana seria muito mais difícil ///

Paulo Amilton Maia Leite Filho

Foto: Arquivo pessoal



///Ciência é para desenvolver políticas e estratégias ///

Jeane de Freitas Azevedo

Conhecimento “perseguido”, mas a serviço de vidas

Estudo científico e pesquisadores enfrentam atualmente ataques e resistência por parte do governo central e de pessoas influenciadas por crenças

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Há alguns anos, a população brasileira assiste ao sucateamento na pesquisa e a forte onda de descrença na ciência como atividade de produção de conhecimento e resolução de problemas sociais. Essa não foi, no entanto, a primeira vez que o conhecimento científico e pesquisadores enfrentam ataques e resistência à ciência vindos do governo e da opinião pública influenciada por crenças. Mesmo após os cortes e sucateamentos nas universidades públicas, é na ciência e nos cientistas que o mundo inteiro, neste momento pandêmico do novo coronavírus, devota suas esperanças.

Uma pesquisa publicada em julho de 2019 realizada pelo Instituto Gallup e pela Wellcome Trust, publicada na revista científica ‘Science’, verificou que 73% dos brasileiros desconfiam da ciência, quase metade dos entrevistados afirmou que “a ciência discorda da minha religião” e, desse montante, 75% disseram que, quando ciência e religião discordam, a escolha é a religião. E ainda que 23% da população considera que a produção científica pouco contribui para o desenvolvimento econômico e social do país. O estudo foi realizado em 144 países e ouviu mais de 140 mil pessoas para conhecer e entender qual é a visão, o interesse e o grau de informação da população mundial sobre assuntos ligados à ciência e tecnologia.

A pesquisa foi realizada no ano de 2018 em meio ao processo eleitoral para a Presidência do país, que levou Jair Bolsonaro (sem partido) ao poder. Em um

cenário caótico, o Brasil intensificou a polarização na sociedade, passou a propagar ainda mais notícias falsas e teorias conspiratórias contra a ciência que se espalharam rapidamente diante da era da globalização, onde o mundo inteiro está conectado através da internet. Na ocasião, cresceu o número de pessoas que questionam a eficiência de vacinas e tratamentos para doenças distintas com base em conteúdos falsos propagados nas redes sociais, tornando o conhecimento científico como alvo principal de grupos com crenças, baixo letramento e, também, interesses políticos, econômicos e sociais contrariados. Como é o caso do agora Governo Federal, com o presidente Jair Bolsonaro, que é publicamente negacionista da importância das ciências.

O médico, pesquisador e professor Carlos Brandt, coordenador científico da Unifacisa, em Campina Grande, avalia que o posicionamento de negar as

evidências científicas e impedir o fortalecimento de pesquisas no país, o presidente será um dos principais responsáveis pelo número de mortos na luta do enfrentamento contra a covid-19.

“Estamos em um momento muito grave, que é essa pandemia do novo coronavírus, onde a gente pode observar com muita clareza a distinção entre aqueles que acreditam na ciência e os que não acreditam. Nós temos um governo que é negacionista com relação à ciência e essa negação vai custar muitas vidas. Muito mais do que poderíamos ter se tivéssemos, na frente do governo, um cientista, um pesquisador ou um homem público que acreditasse fortemente na ciência. Porque o único caminho para vencer essa pandemia é a ciência. O negacionismo do governo e, particularmente, do presidente, dá um mau exemplo para os cidadãos para que eles comprometam ainda mais a saúde”, relatou Carlos Brant.



Pesquisador é quem produz

Postos no centro de conflitos morais e políticos, os cientistas e a ciência são, a preço de hoje, a esperança para que o mundo consiga controlar a pandemia do coronavírus e voltar a viver em sociedade. Médico por formação, o professor Carlos Brant enxerga a ciência como única saída para esse momento e a pesquisa como de extrema importância para o profissional da saúde que vem enfrentando a epidemia e uma série de sucateamento na pesquisa, com cortes de verbas que fomentaria pesquisas nas mais diversas áreas.

“A pesquisa é uma parte importante na formação de um médico, porque o pesquisador é aquele que produz o conhecimento, que alimenta a ciência. Por isso que, mesmo em meio ao sucateamento, ela deve continuar existindo aliada ao ensino e à extensão. E temos um presidente que, na verdade, avaliado do ponto de vista do pesquisador e do cientista, é incompetente na compreensão dos fatos que a ciência produz. É uma incompetência histórica, ele é um negacionista do isolamento social, é negacionista quando não vê as pesquisas que mostram a não eficiência da cloroquina e fica repetindo o mantra da economia”.

E continua o professor: “Se a ciência não prevalecer e a vida não prevalecer, a economia será destruída. Você tem que prover a vida das pessoas para que possam produzir e trabalhar. Ninguém pode gerar riqueza doente, ninguém pode gerar riqueza com medo de morrer. Negacionista da ciência é o pior indivíduo que pode estar conduzindo o destino de uma sociedade em qualquer país”. Para se posicionar diante desse cenário, pesquisadores de todo o mundo correm contra o tempo para salvar vidas, encontrar soluções viáveis para evitar o colapso das redes de saúde e propagar os resultados de um modo acessível à população.

A professora Maria Daniella Silva, uma das pesquisadoras responsáveis pelo estudo que projeta o pico de contaminação do novo coronavírus na Paraíba através do Laboratório de Inteligência Artificial e Macroeconomia Computacional (Labimec) da UFPB, acredita que este é um momento crucial para que a sociedade passe a enxergar a importância da ciência.

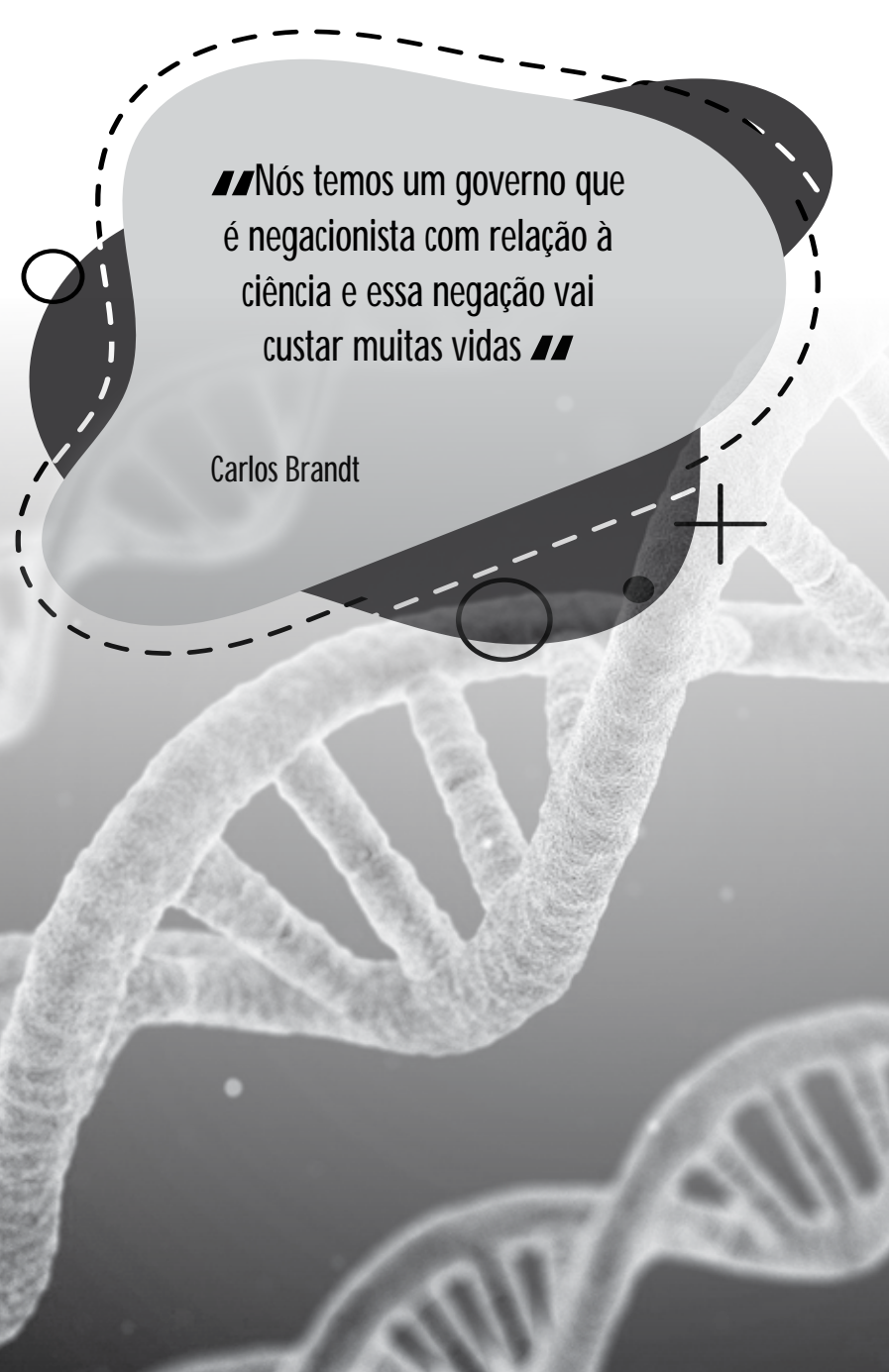
“Como professora e pesquisadora, posso dizer que esse é um momento ímpar para que a gente mostre a importância da pesquisa, dos dados e de analisar as informações. Mesmo diante das críticas que a gente observa, mediante uma descredibilidade muitas vezes que acaba ocorrendo em torno da ciência, mas hoje, nos países que são referência, a tomada de decisões tem sido sustentada pelas informações que derivam da ciência. Acredito que esse é um momento especial para que a gente mostre o que consegue fazer. São ações que, se tomadas corretamente, nós estaremos salvando vidas. A ciência nesse momento está, como sempre esteve, a serviço da população”, falou Maria Daniella Silva.

É da Paraíba que alguns dos mais importantes resultados e frutos de pesquisa no enfrentamento da covid-19 nasce. Como exemplo, o Núcleo de Tecnologias e Estratégicas em Saúde (Nutes) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), desenvolveu, em laboratório, um protetor facial que está sendo produzido para a distribuição gratuita aos profissionais da área de saúde que trabalham em hospitais diretamente com pacientes que apresentam sintomas da doença. Além disso, um ventilador pulmonar de baixo custo, essencial para a manutenção da vida em casos de deficiência em atividades cardiorrespiratórias, como a insuficiência respiratória, comum nos pacientes graves do novo coronavírus.

A iniciativa dos projetos surgiu diante da necessidade do uso dos equipamentos em hospitais que tratam de pacientes contaminados e da dificuldade de aquisição por parte dos órgãos de saúde em virtude da alta procura e alto valor de aquisição. “Temos trabalhado intensamente para apresentar essa solução com rapidez. É uma guerra contra o vírus e temos que ser rápidos no desenvolvimento de produtos que possam contribuir com os órgãos de saúde”, destacou Misael Moraes, professor doutor na área de Processamento da Informação e coordenador geral do Nutes.

“Nós temos um governo que é negacionista com relação à ciência e essa negação vai custar muitas vidas”

Carlos Brandt



Pensamento racional, crítico, reflexivo e a busca espiritual

Na política, a falta da ciência ou da crença nela pode trazer consequências desastrosas como o fascismo

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

A ciência e a filosofia caminham juntas, guiadas pelo pensamento racional, crítico e reflexivo. Na religião, apesar da ciência parecer antagônica, ela tem um papel fundamental na testificação da fé e na busca pelo conhecimento espiritual. Já na política, a falta da ciência ou da crença nela, pode trazer consequências desastrosas como o fascismo.

A ciência é importante em todas as esferas da sociedade. No período de pandemia atual, o mundo inteiro volta os olhos para ela, seja para criticá-la ou para esperar uma solução. O fato é que, sem a racionalização que a ciência oferece, o mundo pode entrar em um colapso maior ou igual ao que o vírus da covid-19 tem proporcionado.

Através da política é possível perceber de forma clara a atuação da ciência como um meio de usar a razão para o bem comum. De acordo com José Artigas, professor da Universidade Federal da Paraíba

(UFPB) e cientista político, a negação da ciência como um referencial para o exercício da atividade política abre-se as portas para o fascismo.

Ele explica que sem a ciência, ou seja, a razão, os governantes deixam de exercer a política propriamente dita, para exercer a paixão. "A paixão é também um exercício político, mas é algo negativo. A razão é a expressão do avanço da humanidade do sentido do conhecimento. Quando se vira as costas para o conhecimento racional retorna-se para o conhecimento passional e a paixão é o pior conselheiro dos governantes", disse.

Artigas ressalta que a razão imprime prudência, o que é fundamental para uma administração responsável. "Quando entramos no campo das paixões, que não é apenas o campo do amor, é o campo do ódio e da guerra. Quando abdicamos da razão para fazer política damos razão a toda sorte de paixões e arbítrios, a fonte de todos os fascismos".

O cientista político define fascismo como quando as vontades e desejos do governante vêm à tona, negando direitos, liberdades e racionalidades, abdicando do uso consciente e responsável do poder. Uma das características do fascismo é também a negação da ciência, já que a ciência e o conhecimento são instrumentos de negação de governos arbitrários. "Abrimos espaço para o que Max Webber dizia ser um desequilíbrio no sentido da política de convicções: 'A ética de convicções não pode sobrepor-se à ética da realidade no mundo moderno'".

É possível perceber a importância da ciência na política olhando para quando elas começaram a andar juntas. A ciência chegou na política ainda na antiguidade greco-romana, quando começam a existir as noções de estado. Onde surgem figuras clássicas como Aristóteles e Platão, discutindo república, democracia, equilíbrio de poder e democracia. Mas a ciência é deixada de lado por dez séculos de obscurantismo medieval, quando a fé assume a posição de orientação.

No renascimento, ocorre uma virada em favor do homem e contraposição a Deus, o renascimento da razão e, sucessivamente da política moderna a partir de Maquiavel. A religião se desprende da ciência e da política e a razão passou a ser a melhor orientação dos governantes. Após a Segunda Guerra Mundial, oficialmente a ciência política que estava atrelada a outras áreas, como a História, o Direito e a Filosofia, passa a ser uma especialização acadêmica. Artigas enfatiza que onde há homem há política, não há como fazer um desprendimento, por isso a importância de usar a razão para uma boa governabilidade. Entre os governantes que se recusam a agir dessa maneira, ele menciona os governos do Brasil, dos Estados Unidos, e o que até pouco tempo atrás foi o da Inglaterra.



Fotos: Divulgação

“Quando se vira as costas para o conhecimento racional retorna-se para o conhecimento passional e a paixão é o pior conselheiro dos governantes”

José Artigas

Inquietações e buscas por explicações racionais para as coisas do mundo

Através da filosofia é possível perceber o início do que se conhece hoje como ciência. As inquietações e buscas por explicações racionais para o mundo dos gregos antigos levaram ao seu surgimento, muitos anos depois. Rafael Nóbrega, mestre em História e professor de Filosofia, explica que essas ideias foram desenvolvidas pelos filósofos naturalistas ou pré-socráticos. Já o método científico como conhecemos hoje surgiu entre os séculos XV e XVI, conhecido como a Revolução Científica.

Um dos primeiros pensadores a propor um projeto intelectual foi Francis Bacon (1561-1626). Com a afirmação "saber é poder", o filósofo inglês trouxe a ideia de que o conhecimento deveria ser a finalidade da prática para garantir o bem-estar da humanidade. A ciência clássica ou moderna surgiu da "filosofia natural", segundo explica o professor.

Com o seu desenvolvimento e valorização, a ciência ganhou um "status" mais elevado que a Filosofia. Rafael Nóbrega afirma que somente o que pode ser comprovado e demonstrado tem validade, enquanto a Filosofia é considerada especulação. "Mas essa é uma dicotomia que enfraquece o debate, posto que a própria definição do conhe-

cimento científico e os fundamentos da ciência dependem da Filosofia", comentou.

Para a Filosofia, segundo explica o professor, a ciência não caminha em uma linha reta, contínua e progressiva, mas por meios de saltos que às vezes podem resultar em quedas como a bomba atômica, por exemplo, ou revoluções.

Diante do contexto de pandemia em que o mundo está vivendo, onde a eficácia da ciência está sendo questionada diante do aumento progressivo de mortes causadas pela covid-19, o historiador observa que a doença lança novos desafios para a ciência que pode estar enfrentando seu novo paradigma na ciência médica. "A ciência, assim como a Filosofia – a Filosofia, aliás, que não se satisfaz com respostas prontas e acabadas, é sempre irrequieta –, está longe de compreender tudo", disse.

O professor enfatiza ainda que, em meio às dúvidas diante de tantas incertezas em volta da pandemia, aliar-se à ciência, na Filosofia, ou no conhecimento racional, é a melhor opção. "Afinal, a ciência, como afirmava o cientista Carl Sagan, está longe de ser um instrumento perfeito de conhecimento. É simplesmente o melhor que temos".



Fotos: Arquivo pessoal

“A própria definição do conhecimento científico e os fundamentos da ciência dependem da Filosofia”

Rafael Nóbrega

Religião e ciência: alavancas para a inteligência que podem andar juntas

Religião e ciência podem andar juntas? Na visão espírita elas são duas alavancas para a inteligência humana, uma revelando as leis do mundo material e a outra do mundo moral. De acordo com o presidente da Federação Espírita da Paraíba (FEP), Marcos Lima, não existe incompatibilidade em aproximar, como esferas do conhecimento humano, a ciência e a religião. "A questão está no excesso de exclusivismo pleiteado por ambas as partes, gerando conflitos, dando origem à incredulidade e à intolerância", comentou.

Na opinião do líder religioso, a ciência e a religião não conseguiram entender-se até os dias de hoje por falta de uma melhor percepção. Ele acredita que olhar apenas para o seu ponto de vista impossibilita uma conexão. "Obviamente, quando as percepções forem ampliadas pela razão e bom senso, venceremos o dogmatismo científico e religioso", disse.

Partindo disso, a ciência e a religião podem andar juntas. Ele explica que o Espiritismo se apre-

senta como "a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo".

Um aspecto relevante, segundo o presidente da Federação Espírita, mostra que a relação do Espiritismo com a ciência está exarada nas obras básicas da Doutrina, em especial em 'O Evangelho Segundo o Espiritismo', que diz: "Não há fé inabalável, senão aquela que pode olhar a razão face a face em todas as épocas da humanidade".

Outro aspecto é que o Espiritismo anda lado a lado com os avanços científicos, em todas as áreas do conhecimento. "Como diz Einstein: 'A ciência sem a religião é manca, a religião é cega'. Com essa colocação, inferimos que o conhecimento e a espiritualidade não devem ser antagônicos", comentou.

Allan Kardec, propagador da Doutrina Espírita, era pedagogo e cientista e emprega o termo razão como princípio de explicação das realidades. "A maneira lógica de pensar os fatos de descobrir as relações de causa e efeito", explicou o líder religioso.



Fotos: Arquivo pessoal

“Quando as percepções forem ampliadas pela razão e bom senso, venceremos o dogmatismo científico e religioso”

Marcos Lima

Ciência para salvar vidas em meio à pandemia

Thais Cirino
thaiscirino@hotmail.com

No final do mês de março, o avanço da contaminação por coronavírus no Brasil – que somava à época quase seis mil casos – provocou uma reação por parte do Consórcio Nordeste, que reúne os nove governadores dos estados da região. Juntos, eles decidiram lançar um Comitê Científico, com objetivo de auxiliar nas tomadas de decisão sobre o enfrentamento à covid-19.

O grupo é coordenado por um dos mais respeitados cientistas brasileiros, Miguel Nicolelis, que se afastou das atividades na Universidade Duke (Estados Unidos), onde desenvolve pesquisas na área de neurociência, para se juntar ao físico e ex-ministro de Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende, na busca por soluções que salvem vidas em meio à pandemia.

Ambos lideram um grupo que é formado por médicos, cientistas e pesquisadores e cuja missão é fornecer aos gestores estaduais elementos técnicos, bem como, alternativas para o controle da propagação da doença. É do Comitê Científico, por exemplo, a indicação para a manutenção do isolamento social, seguida na Paraíba por meio

de decretos assinados pelo governador João Azevêdo (Cidadania).

“O grupo oferece suporte científico, com discussões baseadas em evidências que servem de apoio para as decisões dos governadores”, reforça a representante paraibana no comitê, a médica infectologista Priscilla Sá. A profissional explica que o isolamento social é considerado pelo grupo a única medida de grande impacto, com perspectivas de mudar o curso da pandemia no Estado. “Esse é o ponto que batemos com mais frequência. É um assunto extremamente complexo porque envolve economia e o comportamento da sociedade, mas é a medida mais importante”, defende.

Para facilitar as discussões e orientar as problemáticas em destaque, o Comitê Científico foi dividido em nove subcomitês que se reúnem periodicamente, de forma remota, e tratam de assuntos mais específicos dos estados. Entre os temas, protocolos de assistência médica, alternativas para desenvolvimento de equipamentos hospitalares e de proteção individual, fomento às redes de pesquisas e desenvolvimento tecnológico, políticas públicas de intervenção e modelos matemáticos de medidas de enfrentamento.

“A Paraíba possui representantes em cada um desses subcomitês e as discussões são levadas ao comitê central”, ressalta Priscilla Sá. A médica reconhece que o tema inédito da covid-19 nem sempre proporciona unanimidade entre os profissionais reunidos para debater as alternativas, mas que as decisões consensuais são encaminhadas para divulgação. “Os assuntos unânimes são publicados em boletins periódicos direcionados aos governadores dos estados do Nordeste, sugerindo algumas saídas para os problemas tão complexos que estamos vivendo agora”.

Além das sugestões em curto prazo, o grupo também promove discussões acerca das ações de longo prazo, que exigem mais pesquisa científica e aporte em recursos fi-

nanceiros por parte das gestões estaduais. No estado, os encaminhamentos neste sentido são direcionados à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), em parceria com a Secretaria de Estado da Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba.



Priscilla Sá
Médica infectologista

Fotos: Arquivo pessoal

Incentivo às instituições de pesquisa

O primeiro edital destinado a pesquisadores e cientistas, com o objetivo de incentivar a apresentação de propostas de monitoramento, análise e recomendações para rápida implementação diante da pandemia de coronavírus, foi lançado em abril, no valor de R\$ 1 milhão. De acordo com o presidente da Fapesq, Roberto Germano, a intenção foi incentivar as instituições locais de pesquisa tanto em ações para o diagnóstico da covid-19, quanto para alternativas de equipamentos protetores e de auxílio no tratamento da doença.

“Também visualizamos o desenvolvimento de startups que pudessem monitorar todo esse processo no Estado da Paraíba e pesquisas que abarcassem não só o diagnóstico como também o surgimento de possibilidades de vacinas e de tratamentos”, acrescenta Germano. Ele garante que o governo foi rápido em pensar alternativas de enfrentamento ao coronavírus e que o edital contemplou 15 propostas voltadas para as temáticas prioritárias.

Por conta disso, a fundação está praticamente focada no edital voltado para a questão da covid-19. “Foi aberto um processo em regime de urgência e emergência num tempo bastante curto, com uma avaliação bem sumária e agora já estamos com a contratação dessas propostas

para depositar os recursos na conta dos beneficiários”, informa o presidente da Fapesq.

Roberto disse ainda que está sendo aguardada outra ação junto ao Ministério da Saúde sobre edital a ser aberto em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Secretaria Estadual da Saúde, por meio da Fapesq. “Será um edital que financiará por volta de R\$ 2 milhões”, informa. O pesquisador garante que a fundação tem outras linhas à espera de autorização do CNPq para lançamento de editais, especialmente de pesquisas relacionadas ao desenvolvimento científico regional com projetos em diversas áreas.

O trabalho da instituição é acompanhado de perto pelo Governo do Estado. O governador João Azevêdo já recomendou à Fundação de Apoio à Pesquisa a realização de estudos para lançamento de outro edital, dessa vez voltado ao credenciamento de laboratórios que possam ter ações efetivas em momentos como o vivenciado atualmente e que agridem a sociedade na área da saúde. “Tem sido uma ação bastante integrada e o governador vem mostrando uma sensibilidade grande para o fortalecimento de toda a base tecnológica que temos oferecido pelas universidades e pelas instituições de pesquisa do Estado da Paraíba”, avalia Germano.

Monitora 19

Um dos destaques nas pesquisas desenvolvidas a partir do Comitê Científico do Consórcio Nordeste está o aplicativo ‘Monitora Covid-19’. A ferramenta está disponível para os usuários e funciona como triagem de classificação de risco, disponibilizando atendimento médico por ligações telefônicas e por chat. “Estamos dando uma contribuição. O sistema dá apoio através do monitoramento do coronavírus e também do acompanhamento das pessoas que estão apresentando sintomas”.



Roberto Germano
Presidente da Fapesq

Sociedade clama por avanços

O presidente da Fapesq destaca que estas são apenas as ações voltadas para o desenvolvimento tecnológico. “O Estado, por meio da Secretaria da Saúde, está com diversas ações de liberação de recursos para compra de equipamentos e também de instalações de novos leitos de UTI”, enfatiza. Essa iniciativa vem sendo importante para suprir a carência de recursos por parte do Governo Federal, dificuldade que também é apontada na questão das pesquisas científicas.

“Neste aspecto nós temos uma dificuldade. A sociedade toda tem conhecimento de que bolsas de pós-graduação foram cortadas e esse processo se dá no momento em que a sociedade mais clama por avanços tecnológicos em virtude da pandemia que estamos enfrentando”, lamenta Germano. A relação da pesquisa com o Governo Federal se dá através de projetos de cooperação entre a Fapesq e as agências de financiamento governamentais, a exemplo do já citado CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação e voltada para a formação de recursos humanos.

A necessidade de fortalecer o arcabouço científico para o desenvolvimento de pesquisas é o principal foco de debate nas instituições de pós-graduação, destaca o pesquisador. “A pesquisa exis-

te para a resolução de problemas. Nós temos que entender que a solução de problemas através da ciência não deve ser encarada como custo e sim como investimento”, reflete.

Ele alerta, por exemplo, que os países que investem mais na formação de recursos humanos de alto nível e que financiam também pesquisas através dos programas de pós-graduação, encontram soluções para minimizar os problemas de maneira mais rápida, como o desenvolvimento de vacinas, para o caso da covid-19. “De modo que nós estamos trabalhando fortemente no sentido de buscar soluções para minimizar a dificuldade que estamos passando”, acrescenta.

A união desses esforços no sentido de encontrar alternativas viáveis para o problema urgente do coronavírus também foi enaltecida pela médica infectologista Priscilla Sá. A pesquisadora avalia que a Paraíba é um centro de pesquisa importante, com ações bastante avançadas e que estão sendo desenvolvidos vários estudos que trarão resultados num futuro próximo. “Há inúmeros projetos que vão dar frutos muito bonitos e que vão nos ajudar a combater essa pandemia na Paraíba”, assegura.



Foto: Pixabay